

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
LICENCIATURA EM DANÇA**

ALEXIA SILVA DE OLIVEIRA

**CULTURA HIP HOP E DISCRIMINAÇÃO: danças BREAKING, HIP HOP
DANCE e HOUSE DANCE como potencializadoras da valorização dessas danças
afrodiaspóricas no ambiente escolar.**

Manaus -AM
2024

ALEXIA SILVA DE OLIVEIRA

CULTURA HIP HOP E DISCRIMINAÇÃO: danças BREAKING, HIP HOP DANCE e HOUSE DANCE como potencializadoras da valorização dessas danças afrodiaspóricas no ambiente escolar.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade do Estado do Amazonas, como requisito básico para conclusão de Curso de licenciatura em Dança.

Orientação: Professora Dr(a) Amanda da Silva Pinto

MANAUS-AM

2024

TERMO DE APROVAÇÃO

ALEXIA SILVA DE OLIVEIRA

CULTURA HIP HOP E DISCRIMINAÇÃO: danças BREAKING, HIP HOP DANCE e HOUSE DANCE como potencializadoras da valorização dessas danças afrodiaspóricas no ambiente escolar.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para a obtenção de Grau de Licenciatura em Dança, da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, em sua forma final, pela seguinte banca examinadora:

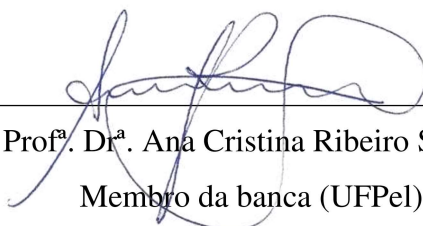
NOTA: 9,1



Prof^a. Dr^a. Amanda da Silva Pinto
Orientador (UEA)



Prof^a. Dr^a. Raissa Caroline Brito Costa
Membro da banca (UEA)



Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Ribeiro Silva
Membro da banca (UFPel)

Manaus, 19 de Fevereiro de 2024.

À minha querida amiga Maisa Gomes (in memoriam), que compartilhava todas as danças da Sia, todas as músicas do Rosa de Saron e todos os ensaios em dias aleatórios da tarde, junto com sua irmã Carol. Você está sempre em meu coração, nos encontraremos na lua.

AGRADECIMENTOS

A mim por não ter desistido de ter saído da minha cidade Manacapuru para realizar o grande desejo e sonho da minha vida.

À finitude do universo por fazerem pessoas incríveis cruzarem o meu caminho acadêmico/artístico e ter a oportunidade de encontrar meu parceiro de vida nessa jornada.

Ao Osmar Junio, meu bem, meu parceiro e melhor amigo, por estar nesses quase cinco anos ao meu lado, realizando nossos objetivos de carreira, pois só nós dois sabemos o que passamos e vivemos, vamos para o mato, antes que pronuncie que o mato acabou.

Agradeço especialmente à minha mãe Janete Luna, por sempre me apoiar e interceder por mim. Sem o seu apoio, não teria como realizar essa meta da minha vida.

Agradeço especialmente também ao meu pai Erivaldo Lopes, por apoiar e me ajudar sempre que eu necessitava e por sempre ter acreditado em mim.

Ao meu amigo José Gregório, pela nossa parceria nas aulas, por ter sido o meu melhor amigo desde que ingressamos na universidade, sem a sua companhia eu iria esganar todos os nossos colegas, rs.

À minha orientadora Amanda Pinto, por abraçar essa pesquisa e me dar uma direção gigantesca na escrita e nas conversas de orientação, a senhora é uma inspiração.

À professora Raissa Costa, por todas as conversas, conselhos e a amizade que construímos, lhe admiro muito, obrigada por tudo.

Agradeço em especial a Vanuza e o José, meus tios de coração por terem me acolhido na casa de vocês, Jamais vou conseguir expressar toda a minha gratidão pelo lar e por me apoiarem sempre.

Aos meus amigos, amigas e amigues nessa caminhada artística e acadêmica, obrigada de coração, Lorena, Emmily, Daniel, Anne Maria, Lidi, Gabs, Milene, Luiza, Leandra e Rosi Rosa.

À minha irmã Maria Eduarda, por sempre ter acreditado em mim, ter me apoiado, pois sabemos o quão bom é olhar para o nosso passado e ver o que a gente já realizou.

Às minhas amigas e irmãs de alma, Carol e Maisa, jamais esquecerei e poderei agradecer por todas as coisas que fizemos juntas.

A professora Ana Cristina, por suas escritas maravilhosas, que me deram um grande direcionamento. Obrigada por ter aceitado fazer parte dessa banca cheia de mulheres grandiosas.

À todes que trilharam o meu caminho de alguma forma. Vocês também contribuíram

para o meu crescimento profissional, gratidão!!!

Obrigada Cultura Hip Hop e todos, todas e todes que a fizeram acontecer antes de mim.

**P... eu era hippie, hoje eu sou Hip Hop Livre,
Abandonei a hipnose, Porque eu preciso me
libertar e não criar novos fantoches.**

- *Lamentável. Pt. III* (Froid e Cynthia luz)

RESUMO

Este trabalho intitulado “cultura hip hop e discriminação: danças breaking, hip hop dance e house dance como potencializadoras da valorização dessas danças afrodiáspóricas no ambiente escolar”, busca compreender as causas e os fatores principais pelas quais estas danças não são abordadas e inseridas como Cultura na Disciplina de Arte. Essa pesquisa fez um levantamento da discriminação e a invisibilidade do Movimento Hip Hop no ambiente escolar, e a partir dessa investigação o resultado alcançado foram o crescimento dos seus conhecimentos culturais e sociais, o desenvolvimento da pesquisa crítico-social sobre o Movimento Hip Hop, e a contribuição também no processo de autonomia de cada indivíduo. Esta pesquisa foi feita em uma Escola pública com alunos do 2º ano do Ensino Médio, tendo como principal objetivo analisar práticas pedagógicas e o ensino aprendizagem das danças afrodiáspóricas através das reflexões e práticas expressivas dos alunos no ambiente escolar. Para chegar nesse objetivo geral, obtive como objetivos específicos: discutir a discriminação racial e social com a comunidade escolar e incluir as danças afrodiáspóricas como práticas pedagógicas; experimentar as habilidades dos adolescentes na prática das danças afrodiáspóricas como caminho de pesquisa corporal e integração social; e desenvolver o saber histórico-cultural-social do Movimento Hip Hop, expandindo o conhecimento prática das danças afrodiáspóricas. A pesquisa se fundamenta na abordagem qualitativa. Quanto à finalidade é exploratória e descritiva. Tem como técnica a pesquisa-ação para que os estudantes pensem a Cultura Hip Hop como movimento cultural sociopolítico. A pesquisa obteve respostas para todas as categorias de análises, além de contribuir para o conhecimento de cada estudante, inovando a criatividade e a autonomia expandindo o saber histórico-cultural deles. Há muito ainda para discutir, e buscar soluções para os problemas que ainda existem dentro e fora da Cultura Hip Hop, e a solução para isso é incluir cada vez mais as danças afrodiáspóricas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Cultura Hip Hop, Danças Afrodiáspóricas, Arte, Discriminação, Educação.

ABSTRACT

This work entitled “hip hop culture and discrimination: breaking dances, hip hop dance and house dance as enhancers of the appreciation of these afrodiasporic dances in the school environment”, seeks to understand the causes and main factors why these dances are not addressed and included as Culture in the Subject of Art. This research surveyed the discrimination and invisibility of the Hip Hop Movement in the school environment, and from this investigation the results achieved were the growth of their cultural and social knowledge, the development of critical-social research on the Hip Hop Movement, and the contribution also to the process of autonomy of each individual. This research was carried out in a public school with students in the 2nd year of high school, with the main objective of analyzing pedagogical practices and teaching and learning of Afro-diasporic dances through the reflections and expressive practices of students in the school environment. To achieve this general objective, the following were specific objectives: discussing racial and social discrimination with the school community and including Afro-diasporic dances as pedagogical practices; experience the skills of adolescents in practicing Afro-diasporic dances as a path to body research and social integration; and develop the historical-cultural-social knowledge of the Hip Hop Movement, expanding the practical knowledge of Afro-diasporic dances. The research is based on a qualitative approach. As for the purpose, it is exploratory and descriptive. Its technique is action research so that students think about Hip Hop Culture as a sociopolitical cultural movement. The survey obtained responses for all categories of analysis, in addition to contributing to the knowledge of each student, innovating creativity and autonomy, and expanding their historical-cultural knowledge. There is still a lot to discuss, and seek solutions to the problems that still exist within and outside Hip Hop Culture, and the solution to this is to increasingly include Afro-diasporic dances in the school environment.

Keywords: Hip Hop Culture, Afrodiasporic Dances, Art, Discrimination, Education

LISTA DE ABREVIATURAS

DJ - Disc-jóquei

MC - Mestre de Cerimônia

RAP - Ritmo and poesy

R&B - Rhythm and blues

TCLE - Termo de consentimento livre e esclarecido

SEDUC - Secretaria de Estado do Amazonas

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

MPU – Manacapuru

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Roda de breaking, no Festival Batalha da Hora em Manaus	17
Figura 2 - Roda de capoeira, no Encontro das águas no dia da consciência negra.....	17
Figura 3 - Alunos respondendo o questionário inicial, no dia 08 de novembro.....	33
Figura 4 - Imagem ilustrativa utilizada para demonstração do movimento	34
Figura 5: Imagem ilustrativa do movimento smurf, com Lalih Branco.....	36
Figura 6 - Outro grupo de alunos em execução do movimento smurf, no dia 09 de novembro	37
Figura 7 - Alunos de um dos grupos executando o movimento smurf, no dia 9 de novembro.	37
Figura 8 - Professor Osmar Junio, demonstrando o movimento Pas de Bourrée, e também o Jacking, no dia 13 de novembro	39
Figura 9 - Alunos em execução do movimento pas de bourree, no dia 13 de novembro.	40
Figura 10 -Fundamentos Top Rock	41
Figura 11 - Alunos repetindo o movimento Basic Step, no dia 13 de novembro.....	42
Figura 12 - Explicação da professora de como deveria seguir a batalha. No dia 13 de novembro.	43
Figura 13 -Primeira dupla mostrando suas variações do Basic Step. No dia 13 de novembro.	44
Figura 14 - Segunda dupla, demonstrando suas variações do movimento no dia 13 de novembro	45
Figura 15 - Execução do Top Rock crossover.....	46
Figura 16 - Terceira dupla demonstrando suas variações do movimento no dia 13 de novembro.	46
Figura 17 - Cabeçalhos artísticos, feito por três (3) alunos diferentes.	49

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - Questionário inicial.....	51
Quadro 2 - Questionário final	55
Quadro 3 - Questionário Final	58
Quadro 4 - Questionário inicial.....	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - CULTURA AFRODIASPÓRICAS E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL	16
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DANÇAS AFRODIASPÓRICAS	16
1.1 CULTURA HIP HOP: UM BREVE HISTÓRICO E DEFINIÇÃO	18
1.2 DANÇAS AFRODIASPÓRICAS NA CULTURA HIP HOP	19
1.3 DISCRIMINAÇÃO SOCIAL DAS DANÇAS AFRODIASPÓRICAS	25
1.4 DANÇAS AFRODIASPÓRICAS NA EDUCAÇÃO	27
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	29
2. ABORDAGEM METODOLÓGICA	29
2.1 Resultados e Discussão.....	30
2.2 Expandindo as vertentes das danças afrodiáspóricas	31
CAPÍTULO III: ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS	49
3. ANÁLISE DO DISCURSO	50
3.1 Racismo estrutural	50
3.2 Autoconhecimento.....	58
3.3 Valorização cultural/social do Hip Hop	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS... para os próximos inícios.	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A - PLANO DE ENSINO	71
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO INICIAL	77
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO FINAL	78
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	79

INTRODUÇÃO

Conforme eu fui crescendo, fui tornando a dança como um hábito da minha vida. Assisti a vídeos e filmes, para aprender certos movimentos e coreografias. Quando completei 11 anos, a cidade em que nasci, Manacapuru, estava tendo o festival folclórico e havia várias apresentações de dança. Nesse meio estava tendo uma apresentação de *breaking*, de um grupo chamado *Mpu style crew*, e foi a primeira vez que eu vi um grupo de danças urbanas de perto. Lembro da sensação que foi ver cada movimento e memorizar aquilo, tive um presságio de tudo que vinha pela frente e o quanto aquelas pessoas iam me impactar para pesquisar tudo sobre as danças urbanas.

Aos 12 anos, na igreja em que eu dançava, o líder do ministério de dança fazia licenciatura em dança, e foi a partir daí que eu tomei conhecimento que dança não era somente um *hobbie*, mas também uma profissão, e que toda a minha vontade de ensinar sobre dança, poderia se tornar realidade. O meu colega que era líder do grupo de dança, sempre me incentivava muito nos caminhos da dança. Ele sempre passava aquecimentos, sequências de danças e dizia que eu tinha potencial.

Anos depois, eu entro na *Mpu style crew*, o grupo de danças urbanas, que deixou uma semente enquanto eu era apenas uma criança, e ali eu tive contato com outras linguagens, além do que eu conhecia de dança ministerial.

Em toda minha vida eu tive contato com a dança dentro da igreja, pois Manacapuru não tinha escolas de danças, ou espaços voltados para a dança. O único local que tive mais contato com outras linguagens da dança, foi na *Mpu Style*, e ali eu via o quanto essa dança era marginalizada, quando a polícia ia sempre averiguar o espaço de ensaio, pois era da prefeitura, e quase sempre chegavam de forma bruta, pois, as danças urbanas na minha cidade sempre foram enxergadas como dança de “quem não tem nada para fazer”.

Somente depois de estar na universidade eu comecei a enxergar maneiras de como trabalhar os conceitos culturais das danças urbanas (a partir daqui eu mudo a nomenclatura para danças afrodiáspóricas, que também é um termo guarda-chuva, porém se assemelha mais com o contexto da cultura Hip Hop. Mas em alguns momentos eu ainda utilizarei os termos danças urbanas por questões históricas e para que não haja tantas repetições do mesmo termo).

Existem muitas fragilidades quando se trata de discriminação das danças afrodiáspóricas dentro do contexto escolar. O fator histórico do movimento é abordado de uma maneira superficial, ou seja, essas danças, sua cultura e tudo que traz simbologia dos povos negros e periféricos é discriminado, o racismo estrutural leva a invisibilidade e discriminação da Cultura

Hip Hop dentro das escolas públicas, assim como a falta de atenção para as questões dessas danças no espaço formal.

Levando em consideração também que as danças afrodiáspóricas e discriminação estão diretamente correlacionadas, escolhi pesquisar sobre esse tema, por ter vivenciado diversas vezes a marginalização do Hip Hop, por ver que tais danças são executadas apenas em manifestações culturais e eventos de rua, produzidas pelos próprios artistas da Cultura Hip Hop e não didaticamente dentro das escolas e centros educacionais.

Partindo deste contexto histórico da cultura Hip Hop, questiona-se como potencializar as danças afrodiáspóricas no ambiente escolar? Além de compreender os motivos que a fazem não ser abordada ou de fato inserida como cultura na disciplina de Arte!

Assim, buscou-se nesta pesquisa fazer um levantamento da invisibilidade das danças afrodiáspóricas na escola onde foi feita a coleta de dados, como isso é tratado dentro da disciplina de Arte, se a Cultura Hip Hop é ministrada a partir de sua história inicial. Foram analisadas as causas e fatores principais que contribuem para a invisibilidade das danças afrodiáspóricas dentro desses espaços educativos.

Esse trabalho tem como objetivo geral, analisar práticas pedagógicas e o ensino-aprendizagem das danças afrodiáspóricas dentro do ambiente escolar, através das reflexões e práticas expressivas dos alunos do ensino médio. A partir dessa investigação o resultado esperado através dos objetivos específicos é discutir a discriminação racial e social com a comunidade escolar e incluir as danças afrodiáspóricas como práticas pedagógicas, experimentar as habilidades dos adolescentes na prática dessas danças como caminho de pesquisa corporal e integração social. Além disso, desenvolver com os estudantes o saber histórico-cultural e social da Cultura Hip Hop, expandindo o conhecimento prático e técnico de tais danças.

Apresento essa pesquisa em três (3) capítulos. O primeiro capítulo intitula-se “cultura afrodiáspóricas e seu contexto educacional”, que faz uma contextualização sobre essas danças, a historicidade e definição da cultura Hip Hop, como são as danças desta cultura e a sua discriminação social, e sobre o ensino aprendizagem das danças afrodiáspóricas no contexto formal, além de auxílios para a contribuição do ensino das danças afrodiáspóricas com embasamento teórico de pesquisadores e arte-educadores.

O segundo capítulo mostra como a pesquisa se desenvolveu, desde a sua metodologia, até a descrição das aulas que nomeio como resultados e discussão. O terceiro capítulo, são as análises interpretativas dos dados, a qual me apoio em três categorias de análises: 1. Racismo; 2. Autoconhecimento; 3. Valorização cultural/social do Hip Hop.

CAPÍTULO I - CULTURA AFRODIASPÓRICAS E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DANÇAS AFRODIASPÓRICAS

As danças afrodiaspóricas estadunidenses, em inúmeras bibliografias, depoimentos e afins, começaram a irradiar no mundo nos meados dos anos 70, e no nosso território brasileiro em 1980, com a dominância dos filmes, videocliques e músicas, tendo uma divisão comercial (academias) e nos grupos de jovens sem apoio em nenhuma entidade (Silva, 2021).

A Cultura Hip Hop nasce em um momento de crise política, com as festas de quarteirões, e com os elementos do Hip Hop se expandindo, a exaltação das origens afrodiaspóricas, fortalecia o socio-político e a autoestima dos negros, negras, latinos e latinas (Monnerat; Marinho; *et al*, 2020).

A manifestação do Hip Hop são as próprias danças afrodiaspóricas estadunidenses, apesar da terminologia afrodiaspóricas não abranger todo o cenário artístico, é o que mais se configura em uma manifestação, portanto Silva (2021), diz que o conceito de ‘dança de rua’ foi espalhado para o Brasil de forma errônea, e somente a partir de 1999, as definições das linguagens ficaram mais fáceis de entender, devido aos próprios dançarinos da cena que buscaram estudar e compreender e valorizar a cena artística.

Importante ressaltar que o *Breaking* teve inúmeras inspirações da capoeira, que nasceu no Brasil no período colonial, meados de 1600, em uma mistura de danças ritualística, lutas e rituais africanos e indígenas, tratava-se das defesas dos quilombolas, e era a manifestação de resistência dos afro-americanos com os escravagistas da época (Silva, 2008).

As semelhanças entre a Capoeira e o *Breaking*, são devido às movimentações, os giros, os saltos e também a roda que se faz presente nas batalhas, mesmo tendo inúmeras semelhanças à capoeira e o breaking, não são um só e devem ser respeitadas (Ribeiro; Cardoso, 2011). As rodas de batalhas das Danças Urbanas têm uma grande referência da capoeira, samba brasileiro, segundo Morgan apud Silva, 2008 “O círculo central, expressa a essência desta dança desde o início. Na rua, um dançarino mergulha na multidão ao seu redor, como hoje no show de *cyphers de freestyle*¹. A roda é a proteção, tanto ritualística quanto de quem transita para apreciar a

¹ Cypher é uma palavra do alfabeto árabe, que significa zero, na cultura Hip Hop essa terminologia se origina dentro do *breakdance*, por dançarem em círculos, formado pelo público presente, surge a semelhança ao zero, o seu significado verdadeiro é o elemento tradicional da cultura afrodiaspóricas. Freestyle traduzida para o português, significa estilo livre, ou seja, na dança são as possibilidades que o corpo tem de mesclar danças e sensações do Hip Hop.

batalha, as rodas de Hip Hop também são celebração e festejo. E os círculos estão presentes em qualquer cultura milenar tradicional e religiosa. Veja abaixo nas figuras 1 e 2, exemplos de rodas dentro dos movimentos culturais.

Figura 1 - Roda de breaking, no Festival Batalha da Hora em Manaus



Fonte: D24am. Leia mais em <https://d24am.com/plus/festival-de-dancas-urbanas-traz-historia-do-hip-hop-em-manau/> Foto: Divulgação/SEC, 2018. Acesso: 01/01/2024

Figura 2 - Roda de capoeira, no Encontro das águas no dia da consciência negra



Fonte: <https://www.acritica.com/esportes/historica-roda-de-capoeira-no-encontro-das-aguas-marca-dia-da-consciencia-negra-1.173763>. Foto: Euzivaldo Queiroz, 2022 Acesso em: 01/01/2024.

O Samba, Soul, Original Funk e o Hip Hop, são manifestos artísticos culturais de matrizes africanas, exalta as principais características e a estética da cultura afrodiáspóricas brasileira, apesar de atualmente ser estudada, evidenciada em patamares altíssimos, não

podemos nos esquecer de que existe injustiça social que ainda são vivenciadas por pessoas da comunidade periféricas que participam e vivem das manifestações do Hip Hop. Este movimento engrandece de onde viemos, de onde somos moradores, pertencentes muitas vezes dentro das comunidades periféricas, ligando a nossa arte através um dos outros, isso é arte, amor, paz, união e diversão, frase muito conhecida do Afrika Bambaata.

Além de trazer o autoconhecimento, a afirmação da beleza e cultura afrodiáspórica brasileira, que são provenientes de expressões de matrizes africanas, serve também para refletir sobre as vivências de muitos que estão sofrendo injustiças sociais, educacionais e econômicas. As danças afrodiáspóricas se fundamentam na rua, mas se expande para os espaços urbanos e dentro das escolas, e muitas pessoas ainda estranham quando estas danças adentram para os palcos de teatros italianos, sempre que tem contato com o público e os dançarinos, há uma rejeição, vista como “vandalismo” (Silva, 2021).

O surgimento do Hip Hop vem para trazer a contemporaneidade e proporcionar reflexão e igualdade para milhares de pessoas que estão dentro, estudando, praticando, criando leis, levando para as mídias e se divertindo com nossa dança, música, grafite e expandido cada vez mais sobre a Cultura afrodiáspórica.

1.1 CULTURA HIP HOP: UM BREVE HISTÓRICO E DEFINIÇÃO

De uma mistura de culturas e raças: afro-americanos, porto-riquenhos e jamaicanos que conviviam na pobreza e marginalidade, nos primórdios dos anos 70, quando as gangues representavam a violência entre os bairros mais desfavorecidos; nasceu o Hip Hop como uma alternativa para os jovens. (Ribeiro; Cardoso, 2011, p. 15).

Assim como em meados dos anos 70, quando a Cultura Hip Hop começou apenas como opção de socialização para jovens marginalizados, o Hip Hop ainda é, hoje, potencializador de identidades, abraça a comunidade periférica, e gera formadores de artes e expressões artísticas. “É uma cultura que transcende fronteiras, línguas, etnias e preconceitos.” (Silva, 2021, p. 37).

O berço dessa manifestação artística foi dentro dos guetos de Nova Iorque, misturando e influenciando diferentes etnias, revolucionando a música Funk e tendo suas ideologias defendidas por líderes negros da época, como **Martin Luther King Jr**, o Partido Político **Panteras Negras**, e **Malcom X**, que foram antecessores do movimento artístico do Hip Hop (Ribeiro; Cardoso, 2011).

Essa cultura pode ser retratada como um coletivo mesclado, onde contém diversas pessoas, que se desenvolveu por várias intervenções do meio à qual nasceu e desde sempre está

em transformação contínua, incluindo elementos culturais de diversas regiões juvenis. Mesmo tendo se iniciado nos Estados Unidos, ela é um símbolo cultural da diáspora, onde possui uma grande aceitação de jovens ao redor do mundo, sobretudo com as pessoas periféricas e em baixas condições socioeconômicas culturais. (Ribeiro; Cardoso, 2011).

O termo ‘Hip Hop’, segundo Silva (2021), nasce em 1971, bem antes de ser um movimento cultural, “sua tradução literal significa, respectivamente: saltar movimentando os quadris” (Silva, 2021, p. 26). Na definição de *KRS-One*²: **Hip** é inteligência, ser atual, moderno e estar atualizado. E **Hop** é o próprio movimento, o dançarino não pode apenas ver o movimento, mas deve fazê-lo. “Hip and Hop é um movimento inteligente” (Price, 2017).

No dia 11 de agosto de 1973, é o início oficial da Cultura Hip Hop, idealizado pelo dj Kool Herc, um homem jamaicano, um dos grandes pioneiros ao criar festas ao ar livre, conhecida como Block Party ou festa de quarteirão em uma tradução livre, portanto ele foi o responsável pela primeira festa que deu início ao Hip Hop.

Afrika Bambaataa, nascido em 19 de abril de 1957, é também um Dj e pioneiro do movimento Hip Hop, criou um coletivo social chamado **Universal Zulu Nation** e uniu os elementos das manifestações artísticas da Cultura Hip Hop, como o MC (mestres de cerimônias), DJ (disk jockey), Grafite (artes plásticas em espaços públicos) e o Breaking (onde carrega toda a bagagem da dança), (Silva, 2021).

A história das danças urbanas e da Cultura Hip Hop é extensa e muito recente, tendo em consideração que os colaboradores estão vivos e dispostos a falar e discutir sobre o fato pesquisado, dando importância para aqueles que viram o movimento se expandirem. “O Hip Hop é uma cultura jovem, e que grande parte das pessoas que a criaram e deram início a ela ainda estão vivas e ninguém melhor do que eles para relatar a sua própria história.” (Arce, 2017).

A seguir, trataremos manifestações de algumas danças afrodiáspóricas dentro da Cultura Hip Hop a fim de compreender um pouco sua história, origem e especificidades de cada dança.

1.2 DANÇAS AFRODIÁSPÓRICAS NA CULTURA HIP HOP

“A Cultura Hip Hop é mundialmente conhecida e há vários pontos na História que

² Laurence Krisna Parker, é um famoso Mestre de cerimônia (MC), dos anos 80, nascido em 20 de agosto de 1965 no Brooklyn, seu nome artístico KRS-One é abreviação de “Knowledge Reigns Supreme Over Quase Everyone”, em uma tradução literal significa, o conhecimento reina supremo sobre quase todos. Ficou conhecido por fazer parte do grupo de hip hop Boogie Down Productions, depois que seu amigo DJ Scott La Rock foi morto, KRS-One decidiu montar um projeto solo e até os dias atuais influencia artistas do Hip Hop.

marcaram e contribuíram muito para a sua expansão e, conseqüentemente, também para expansão dos seus estilos de dança (...)” (Ribeiro; Cardoso, 2011). Dentro das danças afrodiáspóricas têm as principais vertentes que são o *Locking*, *Popping*, *Breaking*, *House dance* e *Hip Hop dance*, porém irei me aprofundar em quatro (4) linguagens das danças afrodiáspóricas, que serão colocadas a seguir:

Breaking

A dança *Breaking* surgiu no Bronx na Cidade de Nova Iorque, em 1972, praticamente na mesma época em que o *Locking* estava se estruturando. O *Breaking* não tem um único criador, sabe-se que surgiu no contexto dos adolescentes tentando imitar seus pais com a dança soul, porém não conseguiram e criaram então a ‘dança de rua’. (Ribeiro; Cardoso; apud Leal, 2007, p. 63).

De acordo com Silva Costa e Silva (2021, p. 89), o *Breaking* exige uma técnica corporal própria da Cultura Hip Hop, tem uma estética de identificação de movimentos propostos pela sua dança em si. Criado por jovens latinos, afro-americanos do sul do Bronx, com o tempo e difusão de culturas o breaking ganha nomes, e os/as B.Boys/B.Girls é uma abreviação de Boy Break ou Bronx Boy, servindo também para as garotas (Ribeiro; Cardoso, 2011).

Logo no início de toda a dança a nomenclatura era *Break*, segundo o dicionário Folha Webster’s (1996), ***Break*** na tradução literal significa quebra; fratura; rompimento; abertura. Ribeiro (2011) diz que na nomenclatura atual utiliza-se o ***ing***, dando o sentido do movimento, igual às outras vertentes das danças urbanas (*Locking*, *Popping*, *Etc.*). A preparação inicial ao breaking tem como nome um movimento chamado *Top Rock* (originado no Bronx) é quando o Bboy dança na vertical, em pé” (Fernando, 2009). Ribeiro; Cardoso (2011) acrescentam que o *Top Rock* é multiplicidade de expressividade que o dançarino pode colocar em suas movimentações, além de colocar vários estilos de dança em seu top rock, ou seja, “uma porta de entrada” para o próximo movimento do breaking, o *Footwork*.

O *Footwork*, de acordo com o dicionário Folha Webster’s (1996) é traduzido como “jogo dos pés”, é retratado como movimentos apoiados nas mãos e os pés fazendo círculos entre o próprio corpo, é a base principal do *breaking*, os b.boys e b.girls podem elevar o nível da dificuldade, “as variações mais complexas podem envolver os joelhos no chão, e maior exigência de flexibilidade” (Ribeiro; Cardoso, 2011, pg. 34).

Além dessas duas movimentações do *breaking* serem o *Top Rock* e o *Footwork*, tem também o *Freeze* que é o congelamento de poses dentro de uma batida forte da música, podendo

ser um movimento congelado em um grau de difícil execução, serve também para os Breakers boys/girls, demonstrarem o nível da sua técnica dentro do breaking, e mostrarem suas originalidades criando seus próprios *freeze*.

O *Power Move*, no site Dança de rua, destaca a História do *Power Moves*, afirmando o significado: “Power quer dizer Poder, força e Move quer dizer movimentos. Pode-se chamar então de Movimentos Poderosos ou movimentos de força”, ou seja, são movimentos que exigem muita aptidão física, equilíbrio, além de técnica e força nas execuções dos moves, vários movimentos de *Power move*, são de outras vertentes como capoeira, ginástica e das artes marciais.

O grau de execução dos movimentos depende como o dançarino quer fazer sua dança, o breaking existe, e continua se mantendo resistência cultural, com os negros, os porto-riquenhos, inovando os movimentos, introduzindo as acrobacias e tornando o breaking o que é hoje para diversas pessoas, vinculando a dança a Cultura Hip Hop. Apesar da dança se transformar sempre, não podemos negar o quanto ainda é marginalizada, onde a própria mídia diz que o breaking era utilizado por gangues, que optaram pelo breaking, para não brigarem (Fernando, 2009). O *breaking* evolui a cada ano que passa, os filmes expandiram esta dança, inspirando jovens de todo o lugar a querer dançar e aprender o breaking.

Hip-hop dance

Hip Hop dance é um estilo de movimento caracterizado por saltos e rocks, executado ao som da música Hip Hop. Tem profundas raízes históricas e sociais na cultura afro-americana, tendo surgido em comunidades negras que viviam na década de 1970 em Nova York. Embora frequentemente referido como um estilo de dança singular, a dança Hip Hop faz parte de toda uma cultura do Hip Hop (Jessie Ma, 2022).

O Hip Hop Dance, segundo Ribeiro; Cardoso (2011) pode ser presumida como uma “dança contemporânea” das Danças Urbanas, pois nos anos 80, a música Hip Hop interveio para que o corpo se expressasse com novos conceitos e técnicas, a partir das novas movimentações, os dançarinos possuem um *groove*³ diferenciado. “É Hip Hop Dance porque se dança na música Hip Hop” (Ribeiro; Cardoso, 2011, p. 53).

Bianchini (2021), no livro Laboratório Hip Hop: Arte, Educação, Batalha, afirma que a

³ Groove é uma palavra em inglês que traduzida significa ranhura ou sulco, mas na música significa que os sons se encaixam de forma satisfatória e na dança pode se descrever que o dançarino pode se encaixar na música em tempo agradável, é a forma como o corpo reage a música.

dança tem esse nome, não por ser uma dança específica da Cultura Hip Hop, mas de ser a cultura! Pois o Hip Hop dance acompanhou o Hip Hop Music ou conhecido também como rap. Essa linguagem surge em um período chamado “era de ouro”, em meados dos anos 80, que se qualifica por uma diversidade e inovação. E torna-se muito presente no cotidiano das pessoas, devido à presença do Hip Hop Dance nos videocliques e performances dos cantores de Rap e R&B, os dançarinos da época que mais ficaram conhecidos são os Scoob & Scrap e Buddha Stretch (Ribeiro;Cardoso, 2011).

Dentro do Hip Hop dance, existem inúmeras Danças sociais que são movimentos que surgem em festas e diversão, não tem criadores, as danças sociais se encaixam dentro do Hip Hop, pois é uma das linguagens das Danças urbanas que mais trabalha o improvisado, é uma dança que busca sempre estar em constante evolução. Segundo Jessie Ma (2022) e Ribeiro; Cardoso (2011) existe um mito que qualquer coreografia que se dança na música Hip Hop, é Hip hop dance. E não! Devido a expansão do Hip Hop dance, os primeiros ambientes longe das danceterias, foram nas academias de ginástica e intitulavam de “cardio funk”, e em competições de danças, de “street jazz”.

As influências que existem dentro do Hip Hop Dance perpassam as fronteiras. Cada dançarino tem concepções, e estudam para que suas danças se atualizem com tendências de suas épocas e suas regiões. Por ser uma cultura híbrida com linguagens e possibilidades de renovação e com o crescimento midiático, acontecendo em várias regiões diferentes, existem ramificações de terminologias e nomenclaturas sobre a Cultura Hip Hop.

House Dance

O House dance ou em uma tradução literal significa dança de casa, essa dança tem suas primeiras aparições em Chicago, no Estado de Illinois. Ribeiro; Cardoso (2011) dizem que Frankie Knuckles é conhecido como o pai do House Music, Knuckles, é um dos 12 DJs mais importantes de todos os tempos, de acordo com a Rolling Stone (2014), ele também criou um club chamado Warehouse, que no início era exclusivo para negros e gays, em 1977, Frankie era também Homossexual, e também “deu origem a todos os aspectos da cultura da música eletrônica” (Rolling Stone, 2014, tradução nossa). Atualmente existem muitos subgêneros dentro do House Music, como: *Funky-House*, *Tech-House*, *Disco-House*, *Progressive-House*, *Acid-House*, *Soulful-House*, *Neo-Jazz-House*, *Deep-House*, etc (Ribeiro; Cardoso, 2011, p. 57).

Com a influência da música nasce o House dance, em 1980, que surgiu durante o fim das discotecas (conhecido também como danceteria), é nos clubes Chicago 's Warehouse e

Paradise Garage, que a dança house ganha destaque. É chamado de House dance/music, porque foi desenvolvido dentro de clubes e não na rua. (Ribeiro; Cardoso, 2011). O precursor do House dance, chama-se Brian Green, ele inicia o movimento em 1989, e torna-se popular por criar um estilo de footwork (jogo dos pés, vide tradução p. 16), o que deixa Green muito forte na cena underground de Nova York, de acordo com Biografia de Brian⁴.

Para compreender a prática do house dance, tem que entender bastante sobre o ritmo da música, que de acordo com Gasparini (2020), no site da São Paulo Cia de dança é “caracterizada pela marcação da batida em 4 tempos, girando em torno de 120 a 130 batidas por minuto”. e também contratempos. A dança tem influência da salsa e do tap (sapateado americano), danças africanas, danças brasileiras, latinas, jazz e da dança moderna. (Ribeiro; Cardoso, 2011).

O House Dance possui três (3) movimentos principais: O Jacking, sendo considerado o mais importante, e de acordo com Valente (2023):

O trabalho do Jacking na Dança House, é envolver o corpo inteiro em um momento onde os componentes, como a música e o corpo, entram em sintonia e toda a bagagem das experiências são postas na performance de acordo com suas capacidades motoras. É esse sentir das sensações que a Dança House tem seu grau de diferencial (Valente, 2023, p. 16).

O movimento *Jacking*, dá ênfase aos membros superiores, destacando os pontos articulares do corpo, como o quadril e os joelhos, fazendo movimentos com o tronco para frente e para trás. O *Footwork* do House é trabalho com os pés, mas é diferente do Footwork do Breaking, esse é feito na vertical em pé, similar ao sapateado. (Ribeiro; Cardoso, 2011). E o *Lofting*, “uma mistura de Capoeira Angola com movimentos de solo do Jazz. Todavia, apesar de oferecer mais elementos à dança, o lofting não é obrigatório para se dançar a house dance” (Abadá-capoeira front, 2016).

A dança House, por sua vez, vem se expandindo cada vez mais, influenciando dançarinos diversos e contagiando também outras vertentes das danças afrodiáspóricas. Porém, escolho citar as mais conhecidas danças afrodiáspóricas para potencializar também o porquê chamo e prefiro este termo para abranger uma cultura, mesmo que não seja suficiente para tantas identidades históricas.

Além disso, não existe somente essas vertentes dentro da cultura “urbana”, o *Vogging* é uma dança afrodiáspórica, o *Waacking*, o *Krumping*, o *Dancehall* ou *Ragga* como é mais

⁴ Disponível: <https://www.brianfootworkgreen.com/teaching-resume>.

conhecido popularmente, são elementos que constituem também a cultura Hip Hop.

Waacking

Há poucas publicações acadêmicas em Português sobre essa vertente, mas de acordo com o site *TooMuchFlavor* (2010), o *Waacking* surge na era da disco music, por volta dos anos 70, em casas noturnas em Los Angeles. O pioneiro dessa vertente se chama Tyrone Proctor, que incorpora nas suas performances as bases das danças improvisadas, o jazz, as artes marciais, poses e vários movimentos rápidos dos braços (Los Angeles Times, 2020).

Muitas vezes o *Waacking* é confundido com a dança *Locking*, porém a dança waacking é reconhecida por acentuar os passos para a feminilidade, batendo os braços em cada ritmo da música, o estilo também é inspirado nas performances de drags queens e nas mulheres da era dourada de Hollywood (Los Angeles Times, 2020).

Essa dança evoluiu muito devido a comunidade LGBTQ+, pois segundo Tyrone Proctor, no Website Mundo Waacking/Vogue (2010), era dançado por pessoas que não eram aceitos na sociedade, a música utilizada na dança, era o disco. E por muito tempo ficou ocultada, pois as pessoas eram rotuladas como “gays”. A dança Waacking cresce cada vez mais na cena underground e aparecendo nas TV Norte americana, principalmente voltado para as danças.

Ressalto as origens e explicações teóricas somente dessas vertentes, por serem as linguagens que tive mais vivências, enquanto dançarina e também como pesquisadora, e são essas linguagens que expando no campo prático desta pesquisa.

Nomenclaturas e termos

De acordo com Guarato (2020) “Os termos “danças de rua” e “danças urbanas” são tratados como nomes descritivos e generalistas, agrupando um conjunto muito pluralizado de diferentes fazeres de dança”. Dança de rua é um termo pejorativo de danças urbanas. Guarato ainda complementa dizendo:

(...) "dança de rua" e “danças urbanas” não são sinônimos e não se configuram como simples termos descritivos. Mas são conceitos formulados e difundidos por seus/suas fazedores (as), ao longo do tempo, carregando consigo não apenas o intuito de designar saberes específicos vinculados a práticas empíricas peculiares, mas como demarcadores de um distanciamento significativo em relação às suas estéticas, regras, locais de saber e modos de organização cultural. (Guarato, 2020, p. 118-119).

E com o passar do tempo, o termo dança de rua foi caindo em “desuso”, e o termo danças urbanas foi ganhando espaço para debates, que renovam as vivências técnicas e das apreciações estéticas da cultura Hip Hop. Com isso os termos não se assemelham, mas carregam em seus significados práticas diárias de cada dançarino (a) e pesquisador (a) da área, levando potências históricas sem distanciar a cultura de um modo geral, ou separando seus estilos e estéticas de acordo com as vivências de quem perpetuam as danças urbanas.

Além do mais, nos anos 80 e 90, não existia diferenciações das nomenclaturas, ou das linguagens e estilos de danças, os termos eram genéricos e, de acordo com Ana Cristina, era “equivocada”, sendo que no Brasil dividiam em dois rótulos, break dance e street dance. Porém, Breaking é um estilo de dança dentro das danças urbanas e street dance é uma tradução literal de dança de rua.

Com tantas diferenças terminológicas, como valorizar a cultura, compreender os termos, sem excluir as subculturas e vertentes dentro de cada identidade? Como vimos acima, sabemos que cada um tem seus respectivos nomes e vertentes. As diferenças existem em cada linguagem das danças urbanas e vai depender de cada profissional da área utilizar as nomenclaturas e possibilitar ao aluno as principais características de cada uma. (Ribeiro; Cardoso, 2011).

De acordo com Paulino (2021), a dança urbana é cheia de identidades históricas, onde grupos ou “crews” tendem a ter um pertencimento e uma identificação maior dentro dessas sociedades e acabam gerando várias transformações ao longo do tempo e de práticas, assim transmutando as danças urbanas sem perder suas identidades originárias.

Este ponto da nomenclatura nos leva a refletir sobre um lugar de compreensão social das danças afrodiáspóricas, que se relaciona com a preocupação central deste estudo, que é a discriminação da afrodiáspora e, conseqüentemente, desta manifestação de dança.

1.3 DISCRIMINAÇÃO SOCIAL DAS DANÇAS AFRODIASPÓRICAS

O Hip Hop é um movimento com senso crítico (grupo de resistência) por buscar constantemente visibilidade, seja através da arte com o grafite, da música com reflexões sociais por meio do Rap e da dança com gestos e movimentos que representam a história/cultura. A cultura do Hip Hop procura diariamente romper barreiras e lutar por um espaço dentro da sociedade e para isso, poderiam utilizar-se da mídia (Barrios; et al, 2018, p. 08-09).

Por romper as barreiras do preconceito e da discriminação, a Cultura Hip Hop é resistência há mais de 50 anos. Não se trata somente de dança ou movimentos/passos, músicas e grafite nas ruas. A cultura Hip Hop, apesar de não ser um dos primeiros e nem o último

movimento social e cultural a acontecer, ele surge em uma época que os Estados Unidos da América, viviam no auge da segregação racial, “o Hip Hop, portanto, resgata as ideologias dos movimentos anteriores, ressignifica e proporciona reflexão, crítica e luta pela igualdade e liberdade” (Silva, 2021).

Os grupos minoritários estão sempre sendo referidos como inferiores, os praticantes de qualquer elemento do Hip Hop, sofrem ou já sofreram alguma marginalização. Com isso a discriminação aumenta ainda mais, e isso é uma das práticas do discurso de ódio em cima de quem é ‘urbanizado’ ou pertencente à periferia, pois a maioria dos dançarinos é residente de periferias, guetos etc.

“Em geral essa inferioridade tem um componente que valoriza o fenotípico dos segmentos majoritários. Dessa maneira, o arranjo cria nos grupos que sofrem preconceitos e discriminação o ‘desejo’ de se tornar iguais aos produtores do discurso.” (Oliveira, 2006, p. 50). Isso acaba criando comportamentos ‘agressivos’ em muitos fomentadores do Hip Hop, principalmente em batalhas que são altamente competitivas, despejando as opressões em vários segmentos do preconceito.

Segundo Silva (2021) além da marginalização, existe a exclusão, que vem através de inúmeros fatores: racismo estrutural proveniente da sociedade burguesa, a austeridade de padrões estéticos estabelecidos por uma sociedade branca. Porém é uma cultura de renovação e reivindicações, que transpassa gerações, reunindo pessoas com ideais comuns, buscando cada vez mais ser reconhecida e também valorizar a estética do Hip Hop, como a moda e as gírias.

Ao incluirmos a teoria dentro do tema proposto, que é a influência de projetos sociais com danças urbanas na periferia, observa-se que a cultura da dança é negada às pessoas excluídas, que se tornam invisíveis ao não terem a opção de praticar atividades recreativas e, conseqüentemente, não terem a oportunidade de desenvolver habilidades e conhecimentos. (Alves; Trigo, 2017, p. 07).

Para que as danças urbanas sejam mais aceitas, e gere conhecimentos, precisa haver mais projetos dentro de comunidades periféricas, incluindo arte em todos os espaços públicos, para que haja mais visibilidade das danças afrodiáspóricas, da Música, e as outras Artes, para que a essência do Hip Hop que começa nas ruas, mantenha-se viva. “Onde a educação não formal é movida pela curiosidade, cativa os participantes e é capaz de interagir com inúmeros conteúdos que, na educação formal, são apresentados de forma dura e monótona” (Silva, 2021).

As danças urbanas dentro da periferia são ‘inseridas’, porém ainda é negada por muitos, por falta de acesso, de incentivo ou até mesmo por falta de conhecimento. Segundo Nelson

Triunfo⁵ (2011) em um minidocumentário disponível no Canal do Youtube, o conhecimento é o quinto elemento da Cultura Hip Hop, onde todos os outros elementos podem ser expandidos e complementam a arte no todo. A BNCC de Arte (2018) propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística”. A criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão, constrói o conhecimento da Arte perpassa para as linguagens artísticas e caminham dentro das danças urbanas.

Ou seja, as danças afrodiáspóricas devem ser ensinadas como um fator de conhecimento histórico e de resistência, mostrando que a grande parte dos integrantes da Cultura Hip Hop, também são moradores de periferias, pobres e pessoas não-brancas, assim como também a maioria dos (as) alunos (as) de escolas públicas, assim interligando o espaço não-formal e o espaço formal para que diferentes públicos possam ser atingidos pela cultura e criar conexões para o ensino das danças afrodiáspóricas na escola.

1.4 DANÇAS AFRODIÁSPÓRICAS NA EDUCAÇÃO

Antes de entrarmos no ensino aprendizagem das danças afrodiáspóricas, devemos pensar a dança como área de conhecimento, e não como dança ilustrativa ou somente uma coreografia específica, mas inserir como caminho de pesquisa corporal e integração social, Pinto (2015) ressalta que “a realidade do ensino da Dança na escola hoje não constrói conhecimento, somente reproduz o que já existe”.

As danças urbanas ainda são executadas muitas vezes apenas em manifestações culturais e eventos de rua, produzidos por artistas do movimento Hip Hop e não didaticamente dentro das escolas e centros educacionais. Portanto, sugiro e também apresento propostas e auxílios que possam contribuir no ensino teórico-prático dentro desses espaços educativos. O ensino-aprendizagem das danças urbanas dentro das escolas precisa estar vinculado a inúmeros aspectos que se juntam dentro da cultura, ou seja, não são apenas meros movimentos, o corpo precisa estar preparado para receber informações preestabelecidas dentro da sociedade cultural, como uma espécie de “entrada” inicial feito em batalhas.

Segundo Arce (2017), o modo que as danças urbanas são ensinadas não pode fugir do âmbito pedagógico. As técnicas dentro do movimento Hip Hop precisam ser executadas fora do formal, e o principal objetivo do ensino-aprendizagem precisa ter a participação individual

⁵ Nelson Triunfo, conhecido como Pai do Hip Hop Nacional, precursor dessa cultura no Brasil. <https://catracalivre.com.br/videos/nelson-triunfo-pai-do-hip-hop-nacional-ensina-passos-de-soul-funk/>

e coletiva dos estudantes. Por isso, é de extrema importância inserir as danças urbanas dentro das escolas, educar crianças e jovens sobre a importância da arte e das danças urbanas, para que essa arte proporcione a: “transmissão e o aprendizado das técnicas culturais” (Abbagnano, 1901, p. 357).

Segundo Silva (2021) e Ribeiro; Cardoso (2011) os procedimentos educacionais, são atingidos pela experiência e o incentivo de ideias propostas, para que o pertencimento em determinada cultura e lugar, seja também um principal fator psicológico considerável, pois criando possibilidades os (as) alunos (as) têm vocabulário motor mais amplo, desenvolvendo caminhos para dançarem livremente, dentro de qualquer linguagem das danças urbanas.

Santos (2023) na citação abaixo fala sobre como a dança é orientada através do *breaking*, mas eu expando para todas as vertentes das danças afrodiáspóricas, não tornar a dança simples demais, mas que as dinâmicas e interações fluam possivelmente para o lúdico, quando for na Educação Infantil e, para o Ensino Médio, desenvolver o saber histórico-cultural social do Hip Hop nos adolescentes.

A forma como a dança é orientada exerce influência na maneira como ela é vivenciada. Eventualmente, em um ambiente sistematicamente orientado pela figura de um professor, é possível que certos princípios que sustentam determinada prática em dança podem não se adequarem a outros contextos? Antes de qualquer coisa, quando se incorpora a dança Breaking em nossa instrução em sala de aula é imperativo que não simplifiquemos demais as dinâmicas de ensino. (Santos, 2023, p. 74).

Quando falamos sobre ensinar dança na Escola, parece um bicho de sete (7) cabeças, principalmente quando o espaço formal é dominado por uma monotonia densa, o tecnicismo reina em muitos componentes curriculares, levar a dança nem sempre é o que os alunos querem ou quando os alunos esperam a dança, a maioria quer uma dança para a diversão. Porém as danças urbanas reivindicam um entendimento ainda maior para que não seja exigido um tecnicismo além,⁶ sempre lembrando que os (as) estudantes não são profissionais da dança.

Embora trabalhar os movimentos da dança seja a característica principal na área da Dança-Educação, precisamos antes de tudo, avultar a base de musicalidade, percepção corporal, linhas de pesquisa de cada vertente, ensinando existem outras danças, como o *Breaking*, *Locking*, *Popping*, *Hip-Hop dance*, *House dance*, *Vogging*, *Waacking*, *Krumping*, os elementos da cultura (Dj, Mc, Grafite e o conhecimento), e as novas manifestações artísticas das danças afrodiáspóricas, respeitando a cultura e também as pessoas que estarão recebendo o conhecimento.

⁶ Domínio de musicalidade, espaço e tempo. Além da flexibilidade, velocidade, força e coordenação.

De acordo com Silva (2021) e a BNCC (2018), a Arte Educação terá impactos em ambientes diferentes, exemplo: escola particular x escola pública, os métodos serão com objetivos distintos ou a abordagem terá rumos desiguais, devido às experiências individuais dos (as) alunos (as), filosofia da escola, reflexo familiar e econômico, tudo isso deve ser posto em consideração na instituição que o (a) Arte-educador estará inserido, valorizando o entorno social, discutindo com as diversidades, sem deixar de assentir a Arte como um fenômeno estético e cultural.

De fato, a Arte ainda é pouco explorada dentro das escolas, tanto por falta de estrutura ou até mesmo histórico-cultural e social, e precisará de um trabalho coletivo para que o ensino das Arte seja realizado de forma educacional e pedagógica, sem excluir ou discriminar os grupos minoritários, incluir na dança educação, dança lazer, dança profissão. (Ribeiro; Cardoso, 2011).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Ao entrar no campo da pesquisa, precisaremos da metodologia do trabalho científico, que de acordo com Marconi e Lakatos (2007, p. 17) significa adotar processos sistemáticos para realizar a base prática, ou seja, a “concepção sobre o que deve ser realizado e qualquer tomada de decisão fundamenta-se naquilo que se afigura como o mais lógico, racional, eficiente e eficaz”.

A pesquisa se fundamenta na abordagem qualitativa, pois segundo Chizzotti (2001, p. 79) “A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Essa abordagem é adequada para esta pesquisa, devido à relação que a Cultura Hip Hop tem com o mundo real, integrando a Arte-Educação e as danças afrodiáspóricas como caminho de pesquisa corporal e integração social.

A pesquisa exploratória segundo Gil (1991, p. 27) “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Ou seja, pretende-se investigar a aplicação das danças urbanas dentro da escola, pois mesmo tendo dentro dos componentes curriculares e LDB, ela não é aplicada e praticada de forma pedagógica. A pesquisa também é descritiva, pois “têm como objetivo primordial a

descrição das características de determinadas populações ou fenômenos ou, então, o estabelecimento de relações variáveis.” (Gil, 1991, p. 27).

A finalidade da Pesquisa, de acordo com Lakatos; Marconi (2015) “[...] Caracteriza-se pelo seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade”. O trabalho tem essa finalidade, pois aprofunda o conhecimento científico sobre as danças afrodiáspóricas, contribuindo para estudos e dissertações, complementando as pesquisas já existentes na área do ensino-aprendizagem da Cultura Hip Hop.

Quanto à técnica de Pesquisa, a Pesquisa-ação trabalha o teórico-prático para ter um maior conhecimento da área estudada, para que os estudantes vivam a Cultura Hip Hop como um movimento sociopolítico que poderá atribuir na autonomia e desenvolvimento pessoal dos alunos, a partir das danças afrodiáspóricas.

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 2005, p.14).

Universo e amostra da pesquisa, foi feita em uma Escola Pública, situada no Centro de Manaus - Amazonas, com adolescentes do 2º ano 3 do Ensino Médio de 15 a 18 anos, no período vespertino, sendo de todas as identidades de gêneros, e também a colaboração de um professor convidado, Osmar Junio.

O procedimento de coleta de dados deu-se primeiramente com a entrega da carta de apresentação para o gestor da escola, anexado junto o Plano de aula, entrega do TCLE para os participantes da pesquisa, relatos dos alunos com um questionário inicial e um questionário final, juntamente com rodas de conversas, para a explanação dos assuntos abordados na pesquisa, cinco (5) aulas ministradas e observação no decorrer das aulas, para utilizar nos procedimentos de análise.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados, foram videocâmera, projetor da própria escola, utilizado para exibir o vídeo de explicação sobre o Movimento Hip Hop, diário de bordo para as anotações da coleta, caixa de som de uso pessoal e os questionários.

2.1 Resultados e Discussão

A escolha da escola é uma Instituição pública de ensino Estadual e não foi um processo difícil, pois eu já fazia estágio supervisionado na mesma escola na qual coletei os dados. O critério de escolha da turma, deu-se a partir de um trabalho para um componente curricular do curso (Pedagogia para Criação em Dança na Escola) e que a turma já havia passado por mostras e processos das danças afrodiáspóricas dentro da Cultura Hip Hop, então já tinham um contato simbólico com a cultura Hip Hop.

Chego na escola que faço estágio supervisionado, converso com o professor de Arte, sobre o procedimento das aulas e como seria cada uma, que precisaria de sete (7) aulas para finalizar minha pesquisa. A turma escolhida tem aula de Arte somente na quarta-feira, então eu precisaria emprestar alguns tempos de aulas de outros professores. Porém, como o ano letivo estava se esgotando e a escola estava passando por feiras culturais como avaliação de notas dos alunos para o quarto bimestre, tive que ajustar alguns tempos de aula e os inúmeros feriados acabaram atrapalhando em ter aulas um dia após o outro.

Deixo esclarecido que o processo de coleta de dados deu-se ao final do ano letivo escolar, mas que o ano letivo da Universidade do Estado do Amazonas está cumprindo seu calendário obrigatório, devido a pandemia do Covid-19 os calendários letivos da *SEDUC*⁷ e *SEMED*⁸ acabam se desencontrando com os acadêmicos de licenciatura. Entrego a carta para o diretor assinar e conhecer sobre minha pesquisa, pois a minha presença na escola era somente pelo estágio e passaria a ser também para pesquisa. Depois de assinado e autorizado o início da pesquisa, adianto também a entrega do termo de consentimento livre e esclarecido para os alunos.

2.2 Expandindo as vertentes das danças afrodiáspóricas

1ª aula parte 1

Na **quarta-feira**, ao chegar na escola, me encaminho para a sala de orientação para pegar o projetor, pois minha primeira aula é teórica e tem um vídeo de cinco (5) minutos explicando sobre o início e o processo do Movimento Hip Hop. Ao chegar na sala do 2º ano 3, além de apresentar o que era minha pesquisa, eu entreguei o restante dos TCLEs para aqueles que ainda não tinham recebido, explico que a imagem deles não será usada sem tarja preta, além

⁷ Secretaria de Estado de Educação do Amazonas

⁸ Secretaria Municipal de Educação

de deixar claro que quem não se sentisse à vontade para participar dos processos, poderia pedir para não participar mais.

O tempo de aula é somente 48 minutos, tive que dividir o tempo em duas aulas, para se adequar de acordo com o meu plano de aula. Explico para os alunos que minha pesquisa fala sobre Movimento Hip Hop e discriminação e como podemos potencializar e valorizar as danças afrodiaspóricas no ambiente escolar, que teríamos algumas aulas práticas das vertentes Hip hop dance, breaking dance e House dance.

Mas teríamos também outras aulas teóricas, que a aula desse dia seria teoria e que ao final poderíamos conversar sobre o conteúdo apresentado. Ao terminar a explicação da minha pesquisa com os alunos, eu projeto o vídeo para que assistam. O vídeo é uma animação⁹ e diz sobre a historicidade da Cultura Hip Hop, como surgiu e porque tem esse nome, além de mostrar os elementos principais da cultura Hip Hop (Farias, 2020).

Ao final da exibição do vídeo animado, deixo aberto para que digam alguma coisa, mas como ninguém quis perguntar ou tecer algum comentário, parto para a explicação verbal do questionário inicial, que tem perguntas básicas sobre as vivências de cada um, que qualquer dúvida poderia me perguntar. Prossigo para a segunda e última parte da aula.

1ª aula parte 2

Executo a aplicação do questionário inicial da pesquisa, que contém cinco (5) perguntas, a qual poderiam utilizar o vídeo como base para responder as perguntas. Deixo os alunos à vontade para responder. Alguns me entregaram o *questionário*¹⁰ antes de finalizar o tempo de aula, ninguém perguntou nada durante o processo da escrita deles, o que achei estranho, pois essa turma é sempre ativa e costumam questionar quase sempre. (FIGURA 3).

⁹ https://youtu.be/q_o6NXNyn68?si=EZ_4nEUqmMd75Jgz

¹⁰ Esse questionário e suas respostas, serão apresentados no decorrer das análises interpretativas dos dados.

Figura 3 - Alunos respondendo o questionário inicial, no dia 08 de novembro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O tempo curto de aula dificultou para que os alunos entregassem o questionário no mesmo dia. Então, peço que levem para casa, e no outro dia de aula me devolvam, pois darei continuidade com as perguntas do próprio questionário, exposição verbal e aula prática de uma das vertentes das danças afrodiáspóricas. Finalizo o primeiro dia da pesquisa, e agradeço também pela colaboração.

2ª aula

Na **quinta-feira**, cheguei antes do horário de aula, pois eu não tinha tanta certeza se iria ter tempo de aula com os alunos nesse dia. As aulas de arte com essa turma são somente no primeiro tempo de quarta-feira, a incerteza acaba dificultando o andamento da coleta, pois se eu não ministrasse aula nesse dia, teria que reduzir o quantitativo de aulas programadas no plano.

Aguardei até o professor de Arte chegar, para poder prosseguir com a pesquisa. Emprestamos os dois tempos de aula de uma professora, a qual agradeço a colaboração. Subo para a sala de orientação para pegar o projetor emprestado, pois eu iria exibir uma imagem, para instigar os alunos a pensarem como seria o movimento escolhido para a aula de Hip Hop Dance.

Ao chegar na sala de aula, os alunos não estavam esperando que eu fosse aparecer, minha presença os deixou bem eufóricos, pois não teriam aula de física, organizo o projetor o mais rápido possível. Alguns deles estavam dispersos e muito falantes, esperei se acalmarem

para dar sequência na aula, a qual dividi em dois momentos, cada tempo de aula tem somente 48 minutos, mesmo que eu tivesse dois tempos disponíveis nesse dia, eu executei de acordo com o meu planejamento, teoria e prática, só deixei o conteúdo teórico mais longo.

Recolhi o questionário da pesquisa e perguntei como foi o processo de escrita. Alguns dizem que foi muito fácil, outros dizem que esqueceram de responder algumas perguntas e que não trouxeram o questionário para esta aula, mas que iriam me devolver outro dia. Também faço perguntas acerca da aula anterior para que haja conexão entre os conteúdos, buscando pela memorização, e reflexão dos assuntos abordados. Uma aluna diz que é importante os esclarecimentos do vídeo, pois isso não é ensinado para eles.

Projeto a imagem ilustrativa do *Smurf*¹¹, (figura 4) pois o movimento *smurf* é um dos principais passos característico das *old school* (velha escola do Hip Hop), além de ter se expandido com figuras negras importantes da década de 80 e 90 (Branco, 2021). Além disso, o passo smurf também é: “uma dança urbana e social foi incorporada ao Hip Hop Dance. Baseada no personagem do filme de desenho “The Smurfs”, o primeiro filme da década de 80.” (Duran, 2021, p. 15).

Figura 4 - Imagem ilustrativa utilizada para demonstração do movimento

SMURF



Fonte: Audrey Duran, <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/vocabulario-ludico-do-hip-hop-dance/F54220033J>. Acesso: 02/11/2023

¹¹ Os Smurfs são uma espécie humanóides de pequenos gnomos azuis, em formato de desenho.

Explico aos alunos, a história desse passo específico e pergunto como eles imaginam que seja a execução do movimento, alguns dizem que deve ser divertido, pois o desenho é ‘alegre’. Com as interações dos alunos, alguns deduzem que o movimento deve ser parecido com o *bounce*¹², um dos movimentos que eles tiveram contato durante um processo de aulas passadas, para um componente curricular, foi por esse motivo que a turma foi escolhida como critério principal de avaliação da minha coleta de dados.

Antes de começar a introdução do Hip Hop dance, mostro a música que iria utilizar, para criar intimidade com a sonorização. A música se chama “Rapper 's Delight”, do grupo Sugarhill Gang, single de 1979, responsável pela popularização do Hip hop/Rap. A escolha dessa música é significativa, onde tem uma batida forte, que pode ser identificada e projetada no movimento *smurf*. O tempo de aula estava se esgotando, e os alunos iriam para merenda. Ao bater o sinal sonoro da cantina, os alunos saem da sala e eu continuo nela, para não ter que dispersar, organizo o ambiente, afasto algumas cadeiras com alguns alunos que continuaram na sala e aguardo até todos voltarem

Quando os alunos voltaram para sala, estavam fazendo um alvoroço, gritando, não entendendo por qual motivo estavam discutindo. Uma moça da sala, foi vítima de racismo por uma outra pessoa da escola, as amigas da vítima, partiram para agressão física com a pessoa que praticou o ato. Foi difícil acalmar a turma, devido ao alvoroço que se tornou, uns querendo contar como aconteceu, pedi para que alguém explicasse o que houve, mesmo que eu não pudesse interferir em “nada”. A moça estava ofendendo a vítima, pois a mesma estava passando por transição capilar, e proferiu palavras ofensivas para ela, as amigas não gostaram e partiram para agressão, para defendê-la.

Tive que sair um pouco da minha programação de aula, e conversar com a turma, questiono se eles lembram o motivo da minha pesquisa, a maioria pronuncia dizendo sim e não! Pego o papel de TCLE que tem o título da minha pesquisa e leio em voz alta, e digo que a **discriminação** do tema, não está ali à toa, que um dos motivos pela qual as danças afrodiáspóricas é ainda invisibilizada, é pelo racismo.

Nesse momento, eu consigo a atenção deles e discurso sobre a invisibilidade dessa Cultura, onde a maior parte das pessoas imersa nela são negros, periféricos e latinos. E que também as discriminações existentes dentro do Hip Hop, partem para o machismo, lgbtfofia, misoginia etc. Mesmo que eu pregasse nas aulas com eles, sobre a valorização da cultura, eu não poderia deixar de mostrar que o Movimento Hip Hop e as danças afrodiáspóricas não é

¹² São movimentos contínuos de “balanço” que se movem repetidamente de acordo com a batida da música.

somente “Paz, unidade, amor e diversão”, frase de um dos precursores do Hip Hop, Afrika Bambaataa. Mas que, dentro das vertentes de cada dança e elemento, ainda predomina muita discriminação.

Depois desse acontecimento o professor da turma chega e conversa com os alunos, pois as meninas envolvidas teriam que sair da sala e ir para orientação. Quando o professor sai, eu dou início a atividade prática, peço que aproveitem o momento de euforia e frustração para jogarem na dança a seguir. A partir disso, começo a introdução ao processo metodológico de percepção corporal com base no movimento *Smurf* do Hip Hop dance, que é específico dessa linguagem diaspórica.

Início com um aquecimento, pedindo para darem pulinhos e balançando o corpo para trás e para frente, verbalizando a sequência de exercícios e introduzindo ao movimentos do Hip Hop dance, jogando o tronco para frente, em seguida, iniciando o *Smurf*, flexionando o braço na altura do ombro e esticando a frente, como ‘um soco’, tanto o braço direito e o esquerdo. Alternando entre os dois, faço a união da dança e o seu fazer cotidiano, como andar incluindo alguns processos metafóricos, conforme Rengel (2007) “... uma intermediação entre os domínios sensório-motores = perceber, sentir, transpirar, mover, tocar, pegar, etc. e os domínios das experiências, subjetivas = julgamentos morais, juízos de valor, relações de afetos, etc”. Ou seja, relacionar os movimentos com alguma sensação do corpo e as vivências presentes na vida deles, a qual associam ao movimento.

Continuando fazendo o mesmo movimento do tronco e dos braços, estimulando em uma nova variação, abrindo a perna direita ao lado e depois a outra, juntando todas essas variações do corpo, a abrindo a perna direita e esticando o braço a frente esquerdo, assim alternando ao contrário os movimentos, fazendo com que se sintam à vontade na permanência dessa dinâmica. Como exemplo da figura 5 abaixo:

Figura 5: Imagem ilustrativa do movimento smurf, com Lalih Branco.



Fonte: Imagem da internet.

<https://youtu.be/jxyemk5w2pg?si=dR65fI70I7m6Km4B>. 2021. Acesso: 01/11/2023.

Realizando experimentações corporais individuais, sem música, depois dou *play* na música, fazendo conduções ilustrativas de como é o passo, e em seguida como esses corpos se movimentam, na sua forma expansiva e criativa, deixando livre pois cada corpo tem seu próprio ritmo (bounce). Aproveito este momento para provocá-los, como se tivesse em uma batalha real, jogando todas as frustrações ao fazer o movimento. Em seguida, peço que se juntem em duplas, para realizar a movimentação de frente para o outro. Quando eles estão fazendo os movimentos, eu observo que alguns estão dentro da musicalidade, “hip hop que dança na música hip hop”.

Digo que façam grupo, como se fosse um círculo e repitam os mesmos movimentos, porém juntos na mesma batida da música e depois improvise alternando as dinâmicas do mesmo passo, abrindo as pernas ao lado e depois junto somente movendo o tronco. Nas duas figuras a seguir, os alunos executam o movimento smurf em grupo. (FIGURA 6 E 7).

Figura 7 - Alunos de um dos grupos executando o movimento smurf, no dia 9 de novembro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 6 - Outro grupo de alunos em execução do movimento smurf, no dia 09 de novembro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Peço que se separem e andem na sala para o corpo ir se adaptando ao espaço, e encerro a parte prática fazendo uma demonstração final do movimento. Ao fim da aula, peço que me digam o que o movimento significou para eles, uns dizem que parecia que estavam dando soco em alguém, um outro diz que é igual uma briga. A resposta de uma das alunas me atravessa, pois é como se estivesse tirando uma energia “ruim” do corpo, pois a dança tende a proporcionar a estesia, de acordo com a BNCC (2018, p. 94) “refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos diferentes materiais”. Fazendo-lhes conhecer a si mesmo, suas percepções e sentir-se protagonista de suas emoções. Finalizo então essa troca de comentários, falo que tudo que disseram é pertinente. Eles aplaudem e eu termino a aula agradecendo, deixando ciente que na próxima aula terá um professor convidado para outra vertente das danças afrodiáspóricas.

3ª aula

Segunda-feira, fui para a escola com o professor de House Dance, Osmar Junio, deixando avisado na portaria que ele estaria me acompanhando na escola, nesse dia. Esse era mais um dia no qual eu não tinha certeza se teria tempos de aulas disponíveis. Aguardo o professor da turma chegar na sala dos professores, para ver quem poderia ceder dois tempos de aulas, pois nesse dia eu teria duas aulas práticas, uma de house com o professor Osmar e outra de breaking, comigo. Quando o professor de Artes chega, nós subimos para a sala de orientação, e conversamos com a professora responsável por aquele tempo de aula, a qual cedeu os tempos de aula. Ela só iria dar um aviso para a turma, e assim poderíamos entrar.

Prosseguindo com a pesquisa, ao adentrar na sala do 2º ano 3, os alunos estavam fazendo outras atividades. Peço licença e digo para guardarem os materiais e afastarem as carteiras antes de darmos início ao conteúdo. Logo após os alunos organizarem o ambiente, apresento o Professor convidado, e ele inicia a aula falando sobre sua trajetória na dança, que está no cenário artístico desde 2010, que é formado em Licenciatura em Dança.

Em seguida fala sobre a historicidade do House Dance, que surge nas boates noturnas, e que tem uma forma peculiar de se mover, com a parte superior do corpo, mas que não se desprende das outras vertentes do Hip Hop. Ele também explica a definição do movimento *jacking* no House Dance, dizendo que o movimento é envolver o corpo inteiro, em sintonia com a música.

Peço que os alunos se separem metade para um lado e metade para outro, assim o Professor Osmar fica no meio, e todos conseguem enxergar as movimentações. A sala é

pequena, e as cadeiras ao redor tornam o espaço mais apertado ainda, porém a gente prossegue com a aula, tentando deixar o ambiente confortável para os alunos participantes.

A partir daí o professor Osmar, mostra o movimento Jacking, dando ênfase aos membros superiores, destacando os pontos articulares do corpo, joelho e quadris. Coloco a música, especificamente do estilo House Music, que é caracterizada por uma batida repetida, dou *play* na música escolhida pelo professor, chamada *Deep in the Bottom - of Africa*¹³. Essa música tem uma pulsação bem marcante onde é capaz de sentir e reproduzir com o movimento *Jacking*.

Após a demonstração, os alunos começam a reproduzir em modo lento, ainda adaptando o movimento no corpo, depois com as provocações do professor, alternam entre rápido e lento. Assim, adquirindo uma dinamicidade no movimento. Os alunos dizem que é divertido e que cansaram, alguns pedem para beber água, permito ir aos poucos. Prosseguindo para o outro movimento do house atribuído ao *Jacking*, que se chama *pas de bourrée*¹⁴, apesar de ser um passo característico no balé clássico, ele também é utilizado no house dance, devido ao *footwork* (jogo dos pés). Existem vários tipos de "pas de bourrée" e o nome de cada um deles se dá devido ao movimento dos pés.

O professor demonstra o movimento, que é feito cruzando a perna de trás, fechando a frente, e se deslocando para a frente. Os alunos ficaram eufóricos porque não entenderam a explicação. Tivemos que dividir em grupo, para que cada um pudesse reproduzir os movimentos junto com o Osmar, assim todos poderiam executar o passo. (Figura 8). Para que cada um fizesse o *pas de bourrée* e se sentisse à vontade, o professor deixa claro que cada

Figura 8 - Professor Osmar Junio, demonstrando o movimento Pas de Bourrée, e também o Jacking, no dia 13 de novembro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

¹³ A exclusão pode acontecer por motivos étnico raciais, religiosos, sociais ou econômicos. Dentre os grupos excluídos é possível citar, por exemplo, negros, indígenas, pobres, membros da comunidade LGBTQIA+, pessoas com deficiências físicas ou intelectuais, dependentes químicos e moradores em situação de rua.

¹⁴ Bourrée é o nome de uma dança folclórica do sul da França. Ele é a junção de 3 passos rápidos unidos em um tempo de música, utilizado para interligar outras etapas, em uma combinação.

pessoa tem uma maneira diferente de dançar e assim também executar o movimento, respeitando também seus limites. Que não se prendessem somente no movimento em si, mas que improvisassem com outros movimentos.

Essa etapa foi um pouco complicada, pois os alunos não conseguiram associar muito os movimentos de início, principalmente cruzando as pernas e se deslocando para frente. Os alunos repetiram diversas vezes, até estarem bem confiantes de suas movimentações, pois o importante não era executar o passo corretamente, mas entender como que o movimento prosseguia de origem. (FIGURA 9).

Figura 9 - Alunos em execução do movimento pas de bourree, no dia 13 de novembro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Após os alunos estarem mais estimulados, o professor iniciou a dinâmica de ir lento e rápido novamente, sentindo dessa vez a energia da música. Partindo de uma ponta da sala a outra, em um grupo de cinco (5) pessoas, os alunos fazem a dinâmica provocada pelo professor, porém cada aluno foi um atrás do outro e não juntos no grupo de cinco, pois estavam se esbarrando. Veja acima, na figura 12.

Assim eles conseguiram executar o movimento na sua perspectiva, além de observarem enquanto os colegas estavam se movendo, interagindo entre si, motivando e torcendo uns pelos outros. Os alunos repetiram diversas vezes até a música acabar, todos ficaram bem animados com a aula, vivenciando essa dança pela primeira vez. Pedi para que se acomodasse em alguma parte da sala, para que o professor demonstrasse sua dança e todos vissem um fragmento do que é o *House Dance*. Após a pequena apresentação do Osmar, todos aplaudem e observo que a maioria ficou muito impressionada com a improvisação, soltando palavras de afirmação como: *nossa o professor dança muito e também, essa dança é muito maneira*.

Neste momento, deixei os alunos descansarem um pouco, iria começar a roda de conversa sobre a aula anterior, mas ficou somente no final, para que assim eles não dispersassem

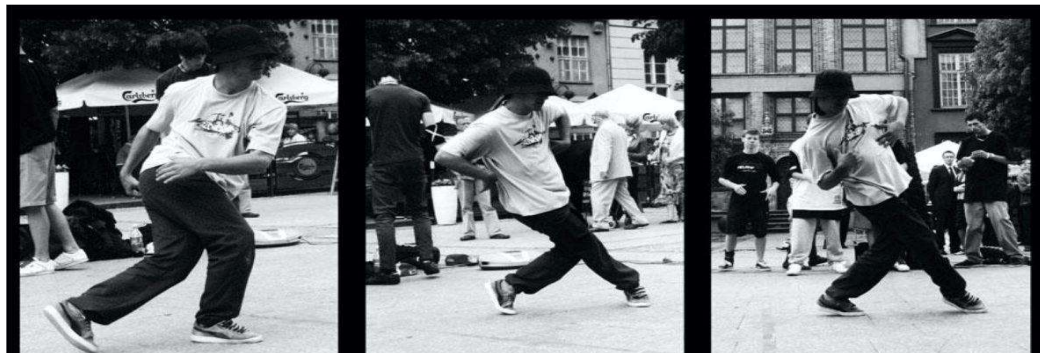
mais. Dando continuidade com a segunda parte do conteúdo do dia, início com a parte prática, mas também explicando sobre a historicidade do *breaking*.

4ª aula

Prossigo com os alunos em explanação inicial, explicando que o *breaking* surge nos Estados Unidos da América, especificamente no Bronx e seus elementos principais são: *Top Rock*, *Footwork*, *Freeze* e *Power Move*, porém só iremos trabalhar o *Top Rock*. Pois, assim como no *breaking* o top rock é a porta de entrada que os Bboys e Bgirls fazem para o restante da dança, gostaria que também fosse a abertura para os alunos adentrarem no *breaking*.

Como os alunos já estavam aquecidos, início explicando o movimento e que ele se chama *Basic step*, um passo que o corpo precisa estar na vertical e no alto, a perna cruza na frente e anda um pouco, a outra perna também cruza e anda mais um pouco, os braços cruzam a frente do corpo e abre junto quando a perna descruza. (FIGURA 10)

Figura 10 -Fundamentos Top Rock



Fonte: Imagem da internet. <https://breakingworld.com.br/2020/07/24/fundamentos-top-rock>. 2020.

Ao demonstrar o *Basic step*, digo que os braços não seguem somente uma maneira, mas que nesse momento era importante que eles seguissem cruzando e abrindo, igual a parte inferior. Um aluno disse que o *Basic step* se assemelhava ao movimento que o professor Osmar havia passado antes, mas que *tinha outro jeito de dançar*.

A partir disso, peço que de cinco em cinco venham atrás de mim me acompanhando, para pegar o ritmo do movimento e depois irem sós. Ao fazerem junto comigo, percebo que eles têm mais confiança, e conseguem se soltar mais. Veja abaixo na figura 11.

Figura 11 - Alunos repetindo o movimento Basic Step, no dia 13 de novembro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Em seguida, peço que façam duplas, pois iríamos começar uma dinâmica de “batalhas/cyphers”, fazendo o movimento *basic step*, porém que improvisassem a partir das suas vivências, e utilizassem os passos das aulas anteriores para se sentirem mais confortáveis. Coloco uma música específica de *breaking*, deixando-os livres por 3 minutos para pensarem e usarem da criatividade.

Chamo de dupla em dupla para que façam a dinâmica, mas nem todos quiseram participar, somente três duplas estavam bem dispostas a fazerem a batalha improvisada. Antes de começarem, eu chamo um aluno para batalhar comigo (Figura 12), somente para demonstrar como seria a logística da improvisação, utilizo provocações, expressões faciais e trocas de olhares, juntamente com o *basic step*.

Figura 12 - Explicação da professora de como deveria seguir a batalha. No dia 13 de novembro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A turma riu bastante pois o aluno disse que era injusto batalhar comigo, pois eu já danço. Deixo bem claro que não quero constranger ninguém, a interação é somente para conhecermos mais sobre os fundamentos do *breaking* e como ele funciona. Na primeira dupla a se voluntariar, a aluna que começa a “batalha” inicia bem timidamente a se movimentar (abaixo na figura 13), faz os primeiros passos baseado no *basic step*, improvisando também, girando ao redor da colega, fazendo intimidações e repetindo alguns movimentos das aulas anteriores.

Quando a aluna termina sua apresentação, a turma comemora e aplaude a aluna. A outra aluna já é bem ousada e chega intimidando a rival na batalha, improvisando alguns movimentos, que se classificam no Top Rock como *steps* e finaliza com *Basic step*. A turma também comemora e aplaude a aluna.

Figura 13 -Primeira dupla mostrando suas variações do Basic Step. No dia 13 de novembro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Depois que finalizaram, explico para turma que em uma batalha/cypher da cultura Hip Hop, precisa ter um vencedor, então eles teriam que escolher quem seria o ganhador da rodada, essa dinâmica é para que criem autoconfiança, mas que ninguém está ali para julgar o outro, ou esnoabar da movimentação que fazem e sim para que criem autonomia no que estão fazendo. Peço então para quem está de fora bater palma para o ganhador, apresento fulana e depois apresento ciclana, e a partir do veredicto, peço que a outra dupla se articule para quem iria iniciar a batalha seguinte.

A dupla seguinte também começa com muita timidez, uma das alunas brinca fazendo referência aos passos conhecidos no *Tik Tok*¹⁵, utiliza também uma variação do *Basic step* e finaliza em uma pose. A outra pessoa inicia também timidamente e começa a desenvolver alguns passos de improvisação semelhantes aos outros steps do *Top Rock*. A aluna faz um passinho carioca, que é também um estilo de dança urbana, articula o movimento step para trás e em seguida o passo principal da batalha e finaliza. As duas se abraçam e terminam a dinâmica, a turma aplaude e grita bastante em euforia. Veja abaixo a figura 14 da segunda dupla demonstrando seus movimentos.

¹⁵ Rede social destinada ao compartilhamento de vídeos curtos, principalmente vídeos de dança.

Figura 14 - Segunda dupla, demonstrando suas variações do movimento no dia 13 de novembro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Logo em seguida o restante dos alunos grita dizendo que fulana foi melhor, outros não concordam. Peço que aplaudam para quem eles acham que ganhou a batalha, mais da metade da turma aplaude mais para uma colega do que para a outra. Com a decisão da turma, chamo a próxima dupla, que também era a última a participar da dinâmica, devido ao tempo que estava se esgotando.

A dupla seguinte inicia com os dois se caçoando, coloco a música e deixo os alunos a vontade para fazerem os movimentos, um questiona o que precisa fazer mesmo, digo que é para improvisar, e fazer um passo dele, mas também fazer o passo que foi mostrado. Ele faz o basic step, com uma variação de braço diferente, parecido com o movimento de pular corda. Em seguida faz uma menção de um mortal para trás, mas ele diz que é igual a “bicicleta” do jogo de futebol, finalizando fazendo um movimento de zoação como se estivesse *tapeando* o outro.

O outro colega da dupla, começa verbalizando para o outro: “é assim que se faz”, em seguida demonstrando o *Basic Step*, rebate o movimento da *tapeação*, debochando do colega, o outro diz que ele está imitando ele e que não vale, o colega da vez rebate e diz: “ai já emenda

para esse aqui”, fazendo um movimento do *Top Rock*, chamado *crossover*¹⁶, (veja exemplo na figura 15 e a execução do aluno no lado esquerdo da figura 16).

Esse passo nunca foi ensinado em nenhuma aula, ou demonstrado por mim, me impressiono em como os alunos são capazes de improvisar, mesmo sem nunca terem tido quaisquer tipos de aulas de danças/afrodiáspóricas, antes do meu contato com a turma e principalmente fazer um passo bem específico do breaking.

Figura 15 - Execução do Top Rock crossover



Fonte: https://youtu.be/wwLjcLqp9EE?si=FIRJu08t_hxi4CpQ, 2019.

Figura 16 - Terceira dupla demonstrando suas variações do movimento no dia 13 de novembro.



Fonte: Arquivo pessoal. 2023.

¹⁶ Movimento chutando o pé esquerdo, em seguida pisando com o mesmo pé que chutou, cruzando a perna direita na frente, levantando a perna de trás.

Ao terminar o movimento *crossover*, o outro aluno pergunta se ele pode ir de novo, antes de confirmar, ele já está fazendo um passo parecido com o *Battlerock*, jogando um pé para trás e cruzando em seguida, porém ele faz sem a fluidez do movimento. Também fico impressionada em como ele conseguiu inovar nas movimentações em passos que nunca mostrei a eles, mas que deve fazer parte de alguma vivência dos dois alunos. (FIGURA 19).

O colega que estava esperando ficou nervoso, pois o outro teve uma revanche e inovou nos movimentos, ele não fez a “última entrada” dele. A turma começa a gritar dizendo “faz o passo da professora”, que é o *baby freeze*, a qual é a outra parte do desenvolvimento do breaking, o *freeze*. Este passo foi demonstrado por mim, para que os alunos entendessem quais eram os elementos dentro da vertente breaking.

Os dois terminam a batalha, um dos alunos diz: eu já ganhei, fiz mais coisas. Peço que a turma decida quem é o ganhador da vez, ao indicarem o vencedor, peço que se sentem, para conversarmos e saber o que cada um achou das aulas. Por terem sido duas aulas importantes no mesmo dia, e por causa do tempo ser corrido, gostaria de ter feito as perguntas logo após cada aula específica, porém como os alunos são agitados, não iriam se concentrar de uma aula prática, para uma roda de conversa e depois novamente aula prática, então foi melhor perguntar tudo no final.

Na roda de conversa, após se acomodarem, digo-lhes que estou satisfeita pelas duas aulas, mesmo sabendo que é cansativo e muita informação ao mesmo tempo para eles, mas que gostaria de ouvir cada um. Pergunto como foi a experiência e como cada um se sentiu, o que o movimento simbolizou para cada um. Quase todos responderam, gravei as respostas pelo gravador do meu próprio celular e irei descrever algumas respostas, a qual vou me aprofundar mais no capítulo IV, que são as análises interpretativas dos dados.

Um aluno disse que “foi bom, pois a gente aprendeu a dança, que esse cara aqui (ele aponta para o colega) é bem sedentário, está dançando um pouquinho e que é um aprendizado e um *bagulho doido*¹⁷”. Outro aluno fala que “é uma nova experiência, pois é sempre bom aprender coisas novas, a qual simboliza um aprendizado na minha pessoa”.

Uns apenas falam palavras de afirmação como: achei massa, legal ou apenas repetindo o que o outro colega já havia dito, uma experiência nova! Uma pessoa diz: que acha bem legal por ser uma expressão diferente de dança, a qual não ver todos os dias. E uma outra colega acrescenta dizendo: pois são novos movimentos para se expressar e se divertir.

¹⁷ “Expressão muito utilizada pelas juventudes periféricas, que significa uma situação complicada ou difícil” (Arruda, 2020, p. 37).

A roda de conversa foi importante para conhecer o que os alunos pensam sobre a cultura e as vertentes das danças dentro da cultura Hip Hop, e também compreender a visão de mundo deles, o que para uns é um momento de aprendizado, para outros significa apenas um movimento engraçado. Encerro a aula agradecendo os alunos pela participação, pois nesse dia estavam praticamente todos os alunos presentes, e também interagindo com as aulas.

Próxima aula...

Havia dito que a escola estava organizando uma feira cultural, que seria feita na quinta e sexta dessa mesma semana, além de ter também um feriado no meio. Então os professores não liberariam os seus tempos de aulas e dificultaria ter outra coleta de dados. A aula seguinte seria sobre os estudos dos movimentos corpóreos do *Waacking*. com um professor convidado, e devido aos imprevistos de não ter tempo disponível durante a semana que ele poderia ministrar a aula, não teve aula de *Waacking* para ser coletado os dados e mostrar essa vertente das danças afrodiaspóricas.

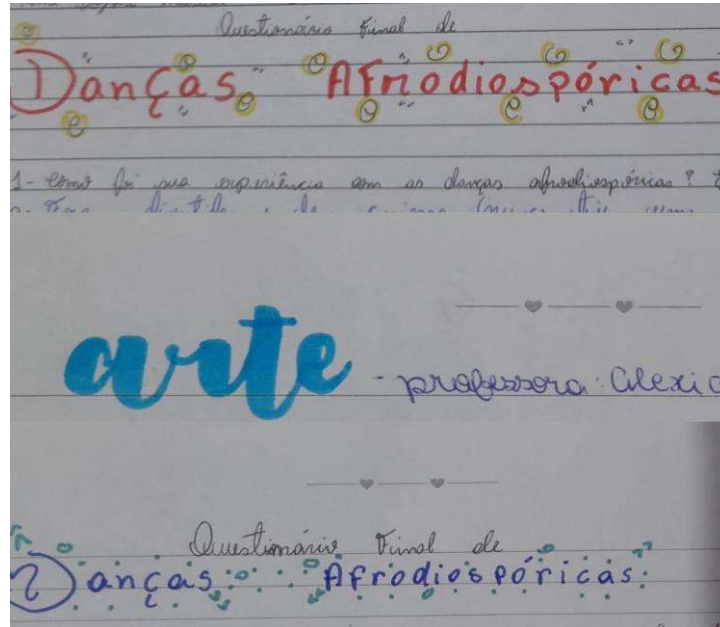
5ª aula

Na quinta-feira da semana seguinte, foi o dia que consegui ter um tempo disponível, pois a escola não tinha certeza se as aulas iriam parar ou não, devido a uma reforma urgente que aconteceria no ambiente. Ao conversar com o professor de Arte, conseguimos um tempo vago para coletar os dados que faltavam. O dia estava chuvoso, e em dias assim quase não tem alunos na escola. Fiz os meus afazeres como estagiária da escola e quase todas as turmas estavam com cinco ou seis alunos, fiquei preocupada em não ter ninguém na turma da pesquisa. Ao chegar na sala, era a turma que mais tinha alunos em toda a escola, fiquei feliz obviamente, pois por tantos imprevistos, conseguiria aplicar o questionário final com os alunos e fazer uma roda de conversa, encerrando a pesquisa.

Converso com os alunos, dizendo que esse é meu último dia de pesquisa com eles, que estava muito feliz e satisfeita com as aulas, mas antes de encerrar esse último momento eu precisaria fazer quatro (4) perguntas. Quando estava escrevendo a primeira questão, uma aluna pergunta se não tem cabeçalho ou um tema específico para colocar em cima das perguntas, então escrevo em cima das perguntas o título: questionário final das danças afrodiaspóricas. Ao escrever as quatro questões finais, fico no aguardo dos alunos responderem e me entregarem.

Quando vão entregando os questionários, percebo que alguns estão com uns desenhos nos cabeçalhos. (FIGURA 17)

Figura 17 - Cabeçalhos artísticos, feito por três (3) alunos diferentes.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Ao ver os cabeçalhos todos arrumados, fiquei emocionada e ao ler algumas respostas eu tive mais certeza que potencializar e valorizar essa cultura no ambiente escolar é importante para o autoconhecimento dos estudantes e o desenvolvimento histórico-cultural e social de cada um. Quando todos entregaram o questionário, digo-lhes que a cultura Hip Hop e as danças afrodiaspóricas são muito mais do que mostrei, ensinei ou falei. Que minha verdade não é absoluta, que espero que as aulas tenham sido de muito aprendizado para eles, e que possam seguir pesquisando e compartilhando sobre a cultura.

Agradeço a cada um, esperando encontrá-los no futuro, fazendo o que gostam, e acima de tudo espalhando arte! A seguir entraremos no quarto capítulo, com as análises interpretativas dos dados, a qual mantém a identidade dos alunos não identificadas, utilizando codinomes para que haja uma compreensão melhor das categorias de análises.

CAPÍTULO III: ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS

3. ANÁLISE DO DISCURSO

O maior objetivo no início desta pesquisa era analisar práticas pedagógicas e o ensino-aprendizagem das danças afrodiáspóricas através das reflexões e vivências dos alunos. Gostaria muito de ter mostrado e analisado as práticas de todas as vertentes das danças afrodiáspóricas, pois além de valorizar a cultura e elevar o conhecimento dos estudantes para o movimento Hip Hop como um todo, era importante mostrar que não existe somente um tipo de dança dentro da cultura Hip Hop.

A pesquisa me proporcionou momentos de muitas incertezas, e não ter dias certos para a coleta de dados me dava uma apreensão grande, não ter conseguido mostrar o *waacking* para os estudantes, também foi complicado. Mas pesquisar requer muita atenção quando envolvemos menores de idade, além considerar a vivência e o cenário que eles estão inseridos.

Para interpretar os dados da pesquisa, utilizo a Técnica de Análise do discurso, conforme Deusdará e Rocha (2005)

No referido diálogo, centraremos nossa reflexão nos objetivos da pesquisa, na formulação de perguntas, no quadro teórico-metodológico e na natureza dos resultados esperados, explicitando sempre uma questão que tem sido muito produtiva e, por essa razão, central para os desenvolvimentos da pesquisa em Análise do Discurso: as implicações do pesquisador no desenvolvimento de suas atividades. (Deusdará; Rocha, 2005, p. 314).

Pois houve na pesquisa a necessidade de utilizar uma reunião de questionários, as expressões e palavras que foram ditas, além de interpretar os discursos proferidos sobre a cultura afrodiáspóricas e o Movimento Hip Hop. Para explicar esses discursos, irei me apoiar em três categorias de análises: 1. Racismo (estrutural); 2. Autoconhecimento; 3. Abaixo as categorias de análises estão divididas em tópicos e por cada discurso das suas referidas categorias.

3.1 Racismo estrutural

Como pesquisadora, é difícil começar analisando sobre o racismo, quando esse tópico me atravessa como uma mulher negra, periférica, pertencente de uma cultura que há 50 anos mesmo que aceita em alguns espaços é ainda discriminada. O questionário inicial com os alunos conta com cinco (5) perguntas que não estão diretamente ligado ao racismo, mas que algumas respostas tendem a ir para uns dos objetivos específicos da pesquisa, que é discutir a

discriminação racial e social com a comunidade escolar e incluir as danças afrodiáspóricas como práticas pedagógicas.

Abaixo está o quadro com as perguntas que têm as respostas com os aspectos do racismo estrutural, a transcrição está com erros ortográficos, pois segue na íntegra, todos os relatos dos alunos participantes.

Quadro 1 - Questionário inicial

	PERGUNTA 3¹⁸	PERGUNTA 4	PERGUNTA 5
	Você sabe o que são danças afrodiáspóricas?	Essas danças têm espaço na escola? Porque você acha que ela tem (ou não) esse espaço?	Você acha importante aprender sobre essa cultura na escola?
RESPOSTAS			
A	São danças originárias de afrodescendentes que tem como pilares: o break, o grafite, Dj, mc, conhecimento, etc.	O único momento que tiveram espaço foram durante as aulas da professora Alexia.	Sim. Pois o Hip Hop é necessário para se aprofundar sobre a história de diversas culturas.
B	Não.	Não, hoje em dia a escola tem muitas pessoas preconceituosas.	Sim, assim aprendemos sobre as diferenças das outras pessoas.
C	Sim, descobri pelos meus professores.	Não, normalmente ela tende não ter, por preconceito dos alunos.	Sim, pois alunos além de poder ter o conhecimento, podem explorar e começar a praticar o hip hop.
D	Não sei.	Não tem espaço na escola ou estrutura para isso.	Sim, acho muito importante ter sobre falar sobre essa cultura na escola.
E	Não me lembro.	Sim, escola é um lugar de aprender e preserva cultura diversificado.	Sim, porque a escola tem que ensinar sobre culturas independentes quais sejam.
F	Não	Não, não sei.	Sim, para diminuir o preconceito contra as pessoas do hip hop.

¹⁸ A ordem das perguntas de cada questionário estará nos apêndices B e C .

G	Sim, foram criados através da migração do povo africano forçadamente.	Não, na minha opinião, essas danças são extremamente invisíveis na comunidade escolar e não tem o seu devido valor.	sem respostas.
H	As danças afrodiaspóricas, são do movimento que incluem o movimento negro, que abrangem a uma de arte.	Sim, não há problemas em ensinar algo novo para os estudantes, ainda mais uma forma de arte tão interessante e rica, além de ser animado, dinâmico e se aprender.	É importante para os conhecimentos gerais, especificamente em artes, para ampliar seu conhecimento, enriquecendo a mente, além de prática de dança, que promove uma ed física regular.
I	Não, ainda não sei mais gostaria de saber.	Muitas escolas precisam ter isso porque a maioria não tem.	Sim, eu acho porque temos que aprender mais sobre as cultura.
J	Sim.	Dependendo da escola, sim, por exemplo, primeira vez que aprendi mais com esse assunto foi com a professora Alexia.	Acho, para assim a sociedade saber mais sobre aqueles que “são diferente”, querendo ou não, pessoas desse movimento são tratados com desrespeito e preconceito.
K	Sim, elas são caracterizadas por movimento energéticos, ritmos percussivos e uma conexão profunda com a música.	Sim, por que é uma cultura natural com a gente.	Sim, acho extremamente importante, a cultura é parte integral da identidade, o conhecimento cultural

			enriquece nossa visão de mundo.
L	Sim, aprendi com as aulas práticas e explicativas sobre.	Normalmente não, mas é importante ter esse espaço para o conhecimento de uma nova cultura e formas de expressão.	É extremamente importante, pois é uma cultura que sofre muito preconceito e discriminação, de pessoas que não têm o conhecimento da história e propósito da cultura.
M	São um conjunto de expressões artísticas que surgiram a partir da diáspora africana, etc.	Bom primeira vez que vejo esse tipo de arte na escola, mais achei interessante e sim poderia ter mais espaço isso.	Sim, porque todos nós estamos aqui para isso, para aprender sobre outras culturas.
N	São danças trazidas através das migrações dos povos africanos.	Sim, porque tras novas experiencias para os alunos.	Sim, porque ela ensina um pouco mais sobre a cultura africana.

Fonte: Arquivo pessoal. 2023

As respostas dos alunos nos põem a compreensão de que: “não existe uma cultura mais importante e outra menos importante” (Cazé; Oliveira, 2008, p. 03). Porém, como eles nunca tiveram contato mais direto com as danças afrodiáspóricas, tende-se a evidenciar que essa cultura tem um peso significativo para os alunos, além de terem uma noção dos motivos pelos quais a dança ou a cultura Hip Hop não é presente na escola.

Em uma conversa com o professor de Arte da turma, perguntei-lhe se havia algum assunto da ementa direcionado às danças, e a resposta foi “não”, pois ele aplica somente os conteúdos dentro do componente curricular de sua competência. É compreensível que o professor não expanda os assuntos para além das Artes Visuais, é uma bagagem grande para abordar todas as linguagens das artes previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dentro da habilitação a qual ele é formado. Não podemos culpar o professor, pois a culpa é do nosso sistema educacional.

Falar sobre dança não sendo entendida como área de conhecimento dentro do ambiente escolar, ou não incluída - além de danças ilustrativas (Pinto, 2015), coloca um maior limite ao objetivo desta pesquisa: como potencializar e valorizar a cultura afrodiáspórica no ambiente escolar?

O objetivo específico da pesquisa, que é desenvolver o saber histórico-cultural e social do movimento Hip Hop, além de expandir o conhecimento prático e técnico das danças afrodiáspóricas, perpassa “o racismo estrutural, da sociedade burguesa, incompreensão, rigidez de padrões estéticos, enfim, fatores sociais diversos” (Silva, 2021, p. 137). Os estudantes sentem falta de ter uma variedade de assuntos de artes, não ter dança dentro da disciplina de Arte é apenas o início da falta de uma outra cultura que não é incluída na comunidade escolar. E o que isto tem a ver com o Racismo estrutural?

A resposta é de um dos alunos, que o acesso a essas danças vai depender muito da escola ou vai depender exclusivamente de quem irá ministrar as aulas. Ou, que essas danças não existem dentro da comunidade escolar pelo preconceito dos próprios alunos, Silva (2021) ressalta, que além do preconceito e marginalização, existe exclusão.

E ao falar sobre preconceito e as inúmeras facetas do racismo, a situação que aconteceu com uma das alunas da pesquisa, a qual não estava esperando que um momento delicado desses fosse acontecer (vide pág. 33). A situação toda foi caótica, a maneira como os alunos reagiram também para defender a colega, indo para além da violência verbal, a violência física, e também a turma entendendo que o preconceito na escola (pessoas) é presente. Foi preciso expandir a pauta da minha pesquisa sobre a igualdade de pertencer a determinados ambientes, e que no espaço formal, à Arte é um processo dinâmico e capaz de sensibilizar a todos, seja através de uma cultura que surge nas ruas, ou não.

E quando a gente se depara com o racismo estrutural dentro de uma instituição educacional, me questiono diversas vezes quais tipos de ações devemos fazer para que a discriminação, seja combatida por intermédio de multiculturalismo e atividades culturais, que fariam jovens a refletirem sobre suas realidades e classes sociais. E através do Hip Hop, cria-se planos de sobrevivência para dar visibilidade a grupos excluídos¹⁹, para criar inúmeras possibilidades, além da ação política de um corpo que reflete os problemas da sociedade, mas

¹⁹ “A exclusão pode acontecer por motivos **étnico raciais, religiosos, sociais** ou **econômicos**. Dentre os grupos excluídos é possível citar, por exemplo, **negros, indígenas, pobres**, membros da comunidade **LGBTQIA+**, pessoas com **deficiências** físicas ou intelectuais, **dependentes químicos** e **moradores em situação de rua**” (Cruz, 2022).

que pode dançar, desenhar, pensar, falar e refletir sobre a diversidade cultural (Cazé; Oliveira, 2008).

O segundo questionário foi aplicado na quinta (5ª) aula, a qual também contém respostas com aspectos relacionados ao racismo, mas com uma maturidade nas respostas dos alunos. Porém somente duas (2) das quatro (4) questões são mais notórias nesta categoria de análise, a transcrição das respostas está com erros ortográficos, pois segue de acordo com o questionário respondido por cada um.

Quadro 2 - Questionário final

	PERGUNTA 2	PERGUNTA 3
	O que o elemento “conhecimento” do Hip Hop ficou de aprendizado para você? Explique!	Você acha que a cultura Hip Hop é valorizada? Explique!
	RESPOSTA	RESPOSTA
A	O saber sobre a cultura e antepassados, origens de determinado grupo é incrível ter o conhecimento sobre, agora sei mais sobre e posso espalhar meu conhecimento.	Não acho, pois se fala muito pouco sobre ela, e sinceramente, se não fosse pela professora, não conheceríamos de forma profunda sobre o assunto.
B	Ficou como ensino a eu tô pelos seus espaços a própria dança. Tudo que envolve é muito esforçado.	Não acho que seja tanto, pois ainda existe bastante preconceito.
C	Acabou sendo algo interessante de se saber, ainda mais para poder explicar pros outros.	Em alguns lugares sim, mas na maioria dos lugares e até na sociedade é desconhecido para muitos.
D	Como todo o meio de arte precisa ter conhecimento, o Hip Hop também precisa, sendo seu elemento principal é com ele que todos os outros ganham sentido. Sem conhecimento não podemos conhecer pautas importantes no assunto.	Não, muitas das danças vindas de descendência africana não são vistas como merecem, por conta do grande preconceito que existe.
E	Aprendi que o Hip Hop possibilita de si mesmo e da periferia uma grande valorização.	Eu acho que não, há muitas coisas legais no Hip Hop, porém não reconhecidas e assim não valorizadas.
F	Conhecimento de história, cultura, abrangem diversos aspectos, como a história da origem do movimento.	Não, muita gente pensa que esse tipo de dança é bailanda por criminales.
G	Que além da dança, o Hip Hop é uma cultura extremamente rica de	Não, porque ele é ainda muito marginalizado pela sociedade por conta

	conhecimento e lições que devemos levar para a vida toda.	do preconceito, principalmente pelo racismo.
H	Nenhum aprendizado, faltei muitas aulas.	O Hip Hop não é muito valorizado por quanta das pessoas que participam são de periferia.
I	Precisamos de conhecimento para sermos bons em algo e no Hip Hop não seria diferente.	Não, por conta do racismo, muitos acreditam que o Hip Hop seja uma cultura marginal e não valorizamos ela.
J	Refere-se a compreensão e a aplicação dos fundamentos, história e cultura do estudo de dança Hip Hop.	Ela não é valorizada por aqueles que não conhecem as danças. Já as pessoas que conhecem a dança afrodiáspóricas é sim valorizada.
K	O conhecimento que o Hip Hop me deu como aprendizado, me ajudou em diversos aspectos mais o mais importante foi saber a história e os eventos que aconteceram para que essa cultura não morressem.	Eu acho que o Hip Hop ainda sofre muito preconceito hoje em dia, que ela ainda é idealizada de forma errada por ser o movimento de “marginal”.
L	Depois das questões de autoconfiança, acabei sabendo que apesar de ser uma cultura séria pode ser praticada como um meio de descontração.	Não, apesar de já existir a 50 anos muitos restos de discriminação acabam persistindo por ter sido criada por uma parte marginalizada na sociedade, negros e latinos. Algo muito parecido acontece com o funk no Brasil.
M	Além dos movimentos e passos de dança, fica de aprendizado a luta para o movimento conquistar espaço e a luta contra os diversos preconceitos que foram e praticados contra.	Sim, é muito valorizado por quem participa, mas ainda precisa conquistar mais respeito e valor por aqueles que ainda não conhecem a cultura e toda sua história.
N	Me ajudou a me concentrar e aprender mais sobre a cultura Hip Hop, entender suas origens e porque deve ser inserido na nossa sociedade.	A cultura Hip Hop já teve seu reconhecimento aumentado durante os anos, mas ainda se faz necessário o engrasamento dessa cultura em diversas localidades como escola por exemplo.
O	O elemento conhecimento é a aplicação dos fundamentos, história, cultura, estilo de dança hip hop. O que ficou de aprendizado sobre a história, foi de que foi	Muitos não possuem interesse pela dança, ou pelo hip hop dance - cultura que é divulgada, porém, não ensinada. Mas, o mundo inteiro aprecia essa

	iniciado devido a brigas de gangues, uma forma de batalhar, sem matar.	expressão artística, e vai também será uma modalidade em 2024.
P	Como foi seu surgimento e o que ela representa hoje em dia.	Bom, no meu ponto de vista é o que essa cultura não é muito valorizada pelo fato de que nem todos têm conhecimento sobre, até mesmos os estudantes.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A maneira como os alunos organizam seus pensamentos em relação ao tema proposto, é totalmente a maneira como se organizam na sociedade, eles entendem que o apagamento da cultura existe. O racismo estrutural do movimento Hip Hop ainda é presente, a falta de acesso às artes no cotidiano, dificulta a introdução de uma cultura no ambiente escolar, por ser considerada de marginal. Porém, é um problema que é repensado por diversos jovens, que também são de comunidades e periferias, com problemas socioeconômicos menor ou igual, em vários lugares do mundo, que também carrega a indignação e o protesto (Cazé; Oliveira, 2008).

A resposta L, no quadro dois (2), fala que apesar do Movimento Hip Hop existir há 50 anos, a discriminação ainda é presente, igual o que acontece com o Funk no Brasil. Tiago Dantas, no site Brasil Escola, diz que o Funk é um estilo musical que se manifesta a partir da música negra norte-americana, em meados da década de 60. Para fundamentar sobre a discriminação do Funk, de acordo Gonzales; Abib (2022, p. 5) diz que: “a questão associada à criminalização do funk está mais associada a questão da discriminação social e racial que as camadas mais pobres e vulneráveis da sociedade sofrem no país”. Além de ser rejeitada pela classe elitista do nosso país, o Movimento Funk e à sua sub vertente o *Funk carioca* é associada à marginalização e o fator determinante é devido ao Racismo Estrutural (Gonzales; Abib, 2022). A resposta, L, faz com o que relacione que duas culturas que partem de origens negras e pobres, sofrem com a invisibilização e comprova que vivemos em um país racista, que odeia Arte e Cultura (Seta, 2023).²⁰

As críticas das respostas me atravessam, pois a mesma indignação que os alunos sentem, eu também senti e sinto ao longo das pesquisas sobre essa cultura, mas percebo que existe uma maturidade nas falas dos alunos desde o questionário inicial, das intervenções das aulas, até o questionário final. O Hip Hop expandiu ainda mais o conhecimento deles, e sei que isso aconteceu devido às outras respostas dos questionários, quando alguns dizem sobre se descobrir

²⁰ Estudo aponta que 81% da população concorda que o Brasil é um país racista, a pesquisa está disponível: <https://percepcaosobreracismo.org.br/>.

e conhecer mais dos seus antepassados. Será mostrada logo abaixo na segunda categoria de análise (autoconhecimento).

3.2 Autoconhecimento

Autoconhecimento é uma investigação de si mesmo, podendo ser adquirido por estímulos e processos, de acordo com Jopling (2000):

O autoconhecimento, em outras palavras, não é apenas algo em que se deve trabalhar; é algo que só pode ser obtido trabalhando nisso. É uma conquista e não um dado adquirido. Não é algo que eu simplesmente tenha, como a cor dos olhos ou o temperamento (Jopling, 2000, tradução nossa).

No decorrer da pesquisa, mesmo com as interações deles, questionava como eles iriam adquirir o autoconhecimento. Então a cada aula, perguntava aos alunos o que cada movimento simboliza para eles, ou que eles sentiam com as aulas, para desenvolver autonomia criativa, aprimorando os processos de ensino-aprendizagem do movimento Hip Hop, e expandindo o saber histórico cultural das danças afrodiáspóricas.

Os alunos demonstraram interesse nas aulas práticas, desde o início, mesmo que timidamente. As respostas são validações para isso, ressaltando o que um aluno diz: *que é uma nova experiência e que é sempre bom aprender coisas novas* (vide pág. 46). Porém a experiência para o autoconhecimento apenas os alunos podem responder sobre, no quadro abaixo tem algumas perguntas e respostas do questionário final, onde as perguntas são mais direcionadas a essa categoria de análise, lembrando que tem erros ortográficos, pois segue na íntegra cada resposta dos alunos.

Quadro 3 - Questionário Final

PERGUNTA 1		PERGUNTA 4	
	Como foi sua experiência com as danças afrodiáspóricas? Explique!		Deixe sua contribuição sobre as aulas.
RESPOSTA		RESPOSTA	
A	Foi boa, aprendemos que ao mesmo tempo é engraçado, mais também é importante novos conhecimentos.		Bom foi legal, amei essas experiências, espero ter mais aulas com a prof Alexa, gostei de aprender sobre as danças afrodiáspóricas.

B	Foi muito divertido ter uma atividade escolar que realmente fosse arte, não só ser algumas pinturas no slide.	Acho que as aulas deviam focar um pouco mais nas danças “mais populares e interessantes” amo o break.
C	Foi ótimo, por conta de que descobri novos ritmos de dança e música.	Dancei e participei verbalmente.
D	Minha experiência na dança não foi muito boa, ao longo das aulas não participava.	Foi uma das melhores aulas de arte do ano todo.
E	Apesar de eu não ter participado de todas as aulas, achei uma experiência incrível, me considero negra, foi como eu conhecesse mais do meu “passado”	Sobre as aulas, achei extremamente divertido, ainda mais para quem gosta de danças e novidades. Professora Alexia é muito legal e paciente, sabe explicar e fazer se tornar uma atividade legal.
F	Foi bastante inovador, conhecer outro tipo de cultura é extremamente importante para nós jovens.	Eu dancei, falei muito, perguntei, me envolvi psicologicamente e fisicamente em tudo.
G	Foi legal, tive como 1ª experiência e foi bem interessante.	Foram boas aulas, aprendi muito, foi muito legal participar delas e agregaram para meu conhecimento.
H	Foram divertidas e bem curiosas, nunca tive uma aula sobre o assunto e achei bem interessante e também bem importante o assunto.	Foram aulas divertidas e educativas, a professora Alexia soube ensinar de uma forma leve e fácil e que deixou as aulas muito boas.
I	Foi uma experiência muito boa e nova, conheci um pouco sobre ela.	As aulas foram bastante explicativas e legais, aprendi com as danças e as explicações da professora.
J	Foi legal se conheceu mais a fande diversos movimentos.	A aula foi especial, a maneira da professora mostra que o Hip Hop é uma dança livre.
K	Minha experiência foi muito boa pois por meio da dança eu pude aprender e vivenciar novas culturas.	Minha contribuição nas aulas foram a presença nas aulas, tanto teóricas como práticas e contribuir para as pesquisas durante as aulas.
L	As aulas de dança que tivemos com a professora foi didática. No início foi uma surpresa, porém ao passar do tempo começamos a gostar desse novo aprendizado que nunca nos foi ensinado.	Não posso contribuir tanto, mas posso elogiar as aulas, que com esforço da professora, nos ensinou, somos gratos por isso. Também participei da maioria das aulas, mesmo não tendo coordenação pra dançar.

M	A minha experiência com as danças afrodiáspóricas só me ensinou bastante sobre essa cultura.	A minha contribuição para as aulas foi a presença, respeito e principalmente a vontade de aprender não apenas na prática e sim na parte teórica (história).
N	Apesar de me sentir envergonhado no começo, acabei aprendendo bastante sobre as danças em si e o que representam, não só para quem já está inserido nela mas, para quem não tem tanto conhecimento sobre.	Aprendi passos de danças como smurf, slide e acabei aprendendo sobre as origens e como a cultura se comporta nos dias atuais.
O	Foi uma ótima experiência pois é necessário ter o conhecimento e o contato com culturas que infelizmente ainda são pouco valorizadas.	Foram bons momentos que incluíram muito aprendizado que nos estimularam mentalmente e fisicamente com uma cultura pouco presente em escolas, achei muito importante ter essa participação.
P	As danças foram animadas e divertidas e foi bom ter esses momentos mais diferenciados na escola, mesmo possuindo uma certa timidez pude desfrutar das aulas.	As aulas foram muito importantes e muito bem aplicadas, foram um momento não só de descontração e divertimento mas principalmente de aprendizagem.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A pergunta: O que o elemento “conhecimento” do Hip Hop ficou de aprendizado para você? No quadro dois (2), apesar de não ter ligação direta com essa categoria de análise, os alunos transformaram o conhecimento (quinto elemento da Cultura Hip Hop) em seu autoconhecimento. Sendo o autoconhecimento uma investigação de si mesmo (Jopling, 2000), a resposta (E), no quadro três (3): *Apesar de eu não ter participado de todas as aulas, achei uma experiência incrível, me considero negra, foi como eu conhecesse mais do meu “passado”*. E a resposta (N) no quadro dois (2): *Me ajudou a me conscientizar e aprender mais sobre a cultura Hip Hop, entender suas origens e porque deve ser inserido na nova sociedade*.

Isso mostra que “as auto-interpretações do sujeito podem ser consideradas como expressões das suas estruturas centrais”. (Jopling, 2000, tradução nossa). Ou seja, aquilo que foi recebido e processado em algum momento das vivências deles, mas percebido através das interações e as experiências com as aulas.

E o objeto utilizado para o autoconhecimento, foi as danças afrodiáspóricas dentro da Cultura Hip Hop, utilizado também para exercer a autonomia na prática destas danças como caminho de pesquisa corporal através dos conteúdos e do aprendizado dos movimentos

apresentados. Em uma roda de conversa gravada com a autorização deles, sobre o que o House dance e o breaking simbolizou para eles e o que eles sentiram com essas danças, uma aluna diz: *“eu acho que desperta uma espontaneidade muito grande na gente aprendendo essas danças”*. A espontaneidade tem um sinônimo de naturalidade, despertar essa naturalidade de ser quem são em suas interpretações e demonstrar isso nas suas danças, é autoconhecimento!

Outra aluna diz: *“pra mim foi algo bastante bom, eletrizante, passa uma vibe bem legal e trouxe uma energia bacana aqui para a sala”*. A resposta (P) no quadro três (3), tem um comentário parecido: *“As danças foram animadas e divertidas e foi bom ter esses momentos mais diferenciados na escola, mesmo possuindo uma certa timidez pude desfrutar das aulas”*. Na roda de conversa ainda teve outro estudante que acrescenta dizendo: *“acho muito importante esse movimento que vocês trouxeram para o nosso colégio, e que tipo, isso é muito importante porque existem pessoas que não sabem se expressar direito, alguns sabem se expressar por música, palavras e algumas se identificam dançando. É isso!”*.

As respostas são sobre a percepção que cada um teve com as aulas, o que adquiriram com a pesquisa corporal da dança, que transcende além do conteúdo da teoria e prática, essa categoria de análise, não é para apontar o que foi ou deixou de ser autoconhecimento, mas mostrar que os alunos constroem sua autonomia, que se agarraram nos objetos dessa pesquisa para engrandecer suas experiências. A pergunta quatro (4), do quadro três (3), onde peço que deixem as contribuições das aulas, demonstram que o meu papel como professora e pesquisadora, foi apenas uma partícula para a valorização cultural/social do Hip Hop, onde veremos na próxima categoria de análise.

3.3 Valorização cultural/social do Hip Hop

“O Hip Hop é uma cultura que transcende fronteiras, línguas, etnias e preconceito” (Silva, 2021). Através dessa cultura como valorizar as inúmeras identidades existentes nela e potencializá-la no ambiente escolar. No questionário inicial, tem uma questão que é a base dessa categoria, além de agregar para todas as outras respostas nos quadros anteriores, que também farei uma associação junto com as respostas a seguir.

Quadro 4 - Questionário inicial

PERGUNTA 2

	Você conhecia a cultura Hip Hop?
A	Sim, porém não tinha aprofundado sobre a cultura.
B	Sim, já conhecia mas não tinha aprofundado no assunto.
C	Sim.
D	Sim, mas eu vim aprender e ter mais conhecimento esse ano com a professora Alexia.
E	Antes sabia da existência da cultura, agora sei um pouco mais, através dos ensinamentos da aula.
F	Sim, já vi muitas pessoas dançando Hip Hop na rua.
G	Sim, somente algumas músicas do gênero.
H	Não, eu não conhecia mais através da Profa Alexia, conheci um pouco.
I	Conhecia músicas de Hip Hop e o básico sobre e aprimorei meu conhecimento durante os tempos de aula de artes.
J	Sim, mas não como agora.
K	Sim, através de filmes.
L	Sim, conheci assistindo “um maluco no pedaço”.
M	Sim, mais não como agora, eu via mais em vídeos e filmes.
N	Não, conhecendo agora pela escola.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Quando os alunos dizem que aprenderam ou aprimoraram seus conhecimentos sobre a Cultura Hip Hop nas aulas que ministrei para eles, fico um pouco apreensiva, pois isso quer dizer que em nenhum momento essa Cultura foi mostrada a eles como conteúdo de ensino-aprendizagem na Arte como área de conhecimento, apenas em vídeos ou filmes. E o Hip Hop por ser um movimento que se transforma e está em luta constante, atravessa as últimas gerações e décadas, e batalha pelo seu reconhecimento e valorização (Silva, 2021),

Se faz necessário esta Cultura ser inserida no espaço formal, para que se potencialize no ambiente escolar, a resposta (J) no quadro dois (2), um estudante afirma que a Hip Hop: “*não é valorizada por aqueles que não conhecem as danças. Já as pessoas que conhecem a dança*”

afrodiáspóricas é sim valorizada”. E também a resposta (O), no mesmo quadro onde o aluno diz: *“Muitos não possuem interesse pela dança, ou pelo hip hop dance - cultura que é divulgada, porém, não ensinada. Mas, o mundo inteiro aprecia essa expressão artística, e vai também ser uma modalidade em 2024”*. Ele afirma, que mesmo o breaking, tornando-se uma modalidade nas olimpíadas, ainda faz parte de uma cultura pouco ensinada.

E mais uma vez pressuponho que a falta de interesse ou os motivos pelo qual o Movimento Hip Hop não é valorizado é porque não é inserido no ambiente escolar como deveria ser, e os alunos entendem que não é valorizado devido a ignorância do assunto. A maioria das respostas deles dizem que o primeiro contato com a cultura Hip Hop e as Danças afrodiáspóricas foram nas aulas que tiveram comigo, então como valorizar algo se isso nem é mostrado ou incluído na vida social e escolar deles? Desenvolver o saber histórico-cultural é compartilhar o Hip Hop para possibilitar a entrada dos alunos no mundo da arte. Cazé; Oliveira (2008) afirmam:

Esta experiência coletiva do Hip Hop com objetivos compartilhados possibilita a compreensão da entrada destes sujeitos no mundo da cultura pela arte do movimento; pois, o movimento, assim como o pensamento, é dinâmico, sistêmico e acontece em rede. É um processo co-dependente da capacidade de invenção criativa dos seres humanos e da participação dos indivíduos na aprendizagem social visto que a natureza do homem é cultural. (Cazé; Oliveira, 2008, p. 10).

A aprendizagem social faz parte de cada indivíduo, e dentro da cultura Hip Hop gera reflexões e práticas expressivas, que também faz parte dos objetivos desta pesquisa. Sinto que enquanto estava ministrando as aulas, por um momento a valorização dessa cultura ocorreu no espaço escolar e que os adolescentes valorizam o máximo enquanto experiência coletiva, como a resposta (O), no quadro dois (2) ressalta: *“foi uma ótima experiência, pois é necessário ter o conhecimento e o contato com culturas que infelizmente ainda são pouco valorizadas”*.

Finalizo essa categoria de análise, sabendo que o movimento Hip Hop e suas danças afrodiáspóricas foram potencializadas e valorizadas no ambiente escolar, e que contribui para que a Cultura Hip Hop seja levada além das minhas percepções que se encruzilharam no caminho de cada um que participou dessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS... para os próximos incíos.

Deixo aqui minhas inquietações como pesquisadora citando o Guarato (2021, p. 180) em suas contribuições no livro *Laboratório Hip-Hop: Arte, Educação, Batalha...* “as pessoas entendem e percebem suas existências no mundo de modo distinto”. O que quero dizer com isso é que, antes de pesquisar sobre o Movimento Hip Hop, não entendia que centenas de pessoas compreendem a Cultura de formas diferentes, mesmo que seja a mesma manifestação cultural para cada um.

Pesquisar sobre as danças afrodiáspóricas, até então conhecida por mim como danças urbanas, foi difícil, e entender sobre termo e a etimologia das palavras, foi um processo cansativo, pois cada autor discute os conceitos de uma forma diferente — a partir das suas percepções e vivências também. O processo, além de ser difícil, é também estressante, e até estar na escola ministrando as aulas ouvindo os alunos e, acima de tudo isso, enxergando uma felicidade estonteante e uma vontade absurda dos alunos quererem aprender sobre os movimentos de cada vertente, valeu muito a pena cada segundo.

Antes de ir para a campo, pensava em mostrar todas as vertentes das danças afrodiáspóricas para os estudantes, levar cada professor específico em sua linguagem, expandir o conhecimento geral dos alunos sobre a Cultura Hip Hop, sentia que isso era necessário de se fazer por causa de uma vivência minha. Mesmo que estivesse inserida na Cultura desde os meus 15 anos, só fui entender que *Breaking* e Hip-hop dance eram coisas totalmente diferentes durante o segundo semestre da faculdade, a minha cabeça deu um nó, pois para mim todos eram bboys e bgirls, independente do estilo que dançasse. Então, seria justo para mim, mostrar para os alunos que a cultura é ampla e diversa.

Não deu certo, no sentido de mostrar todas as vertentes, é muita coisa para um tempo de construção de um TCC, principalmente quando o problema maior é entender os motivos pelos quais a dança não é abordada e inserida na disciplina de Arte. Então tive que primeiramente discutir a discriminação racial e social com a comunidade escolar para então incluir as danças afrodiáspóricas como práticas pedagógicas. Através dos resultados dos questionários e com as rodas de conversas, pude sentir um alívio grande, pois até então me sentia culpada por não conseguir ter mais tempos de aula ou ter mostrado todas as vertentes possíveis.

Os alunos entendem que há muita desvalorização e muita invisibilidade da Cultura, entendem que eles também não são culpados por não terem tido acesso a Arte da dança antes. Para chegar ao ponto de dizerem que tiveram a melhor aula de Arte da vida deles, comigo. Isso

para mim é perturbador, não queria que fosse apenas um momento passageiro de sete aulas de uma determinada cultura.

Mas contribuir no saber histórico-cultural e social do Movimento Hip Hop foi um objetivo específico da minha pesquisa, e as respostas do quadro três (3) deixam claro que o desenvolvimento é contínuo, e expandir o conhecimento prático e técnico das danças afrodiáspóricas também é complicado, principalmente quando eles só tiveram uma pessoa como referência.

A Educação, a Arte e a Cultura são o caminho para gerar criatividade, autonomia e socialização. Além de cativar os estudantes, é possível mostrar que eles podem ir além, mais do que um passo, mas ir além de experimentar suas habilidades corporais e culturais, seja através da prática ou do conhecimento gerado no Hip Hop ou pelo Hip Hop. A Educação é sim libertadora, e muitas vezes ainda como estudante fico aprisionada em várias pesquisas, pois não sei ao certo qual caminho seguir e por ter muitas dúvidas, me questiono como vou passar “as minhas bases de conhecimentos”, se nem eu sei. É meio perturbador para a minha cabeça, mesmo sabendo que não dá para aprender sobre tudo e também tentar passar tudo para os meus alunos.

Porém, apesar de não ter tido tempo suficiente para abordar tudo que queria, sinto que meu objetivo central foi atingido, e não somente atingido, como ultrapassou todas as minhas expectativas como professora, os alunos se inseriram na Cultura, e enxergaram a possibilidade de desenvolver muito mais seus conhecimentos, pretendo continuar essa pesquisa futuramente no mestrado e ir além, para o doutorado. Porém, não deixando de frisar que existe ainda discriminação social e racial na Cultura Hip Hop, que para além das discussões raciais, o machismo é ainda bem presente — percepção minha, ao ver *crews* ao meu redor com muitos discursos misóginos e sexistas. Ver colegas do movimento sendo transfóbicos e lgbtfóbicos com pessoas da nossa própria comunidade cultural.

Percebo que há muito ainda para discutir, e buscar soluções para os problemas que ainda existem dentro e fora do Movimento Hip Hop, e a solução para isso é incluir cada vez mais a cultura afrodiáspóricas no ambiente escolar! Porém, deixo aqui a minha eterna felicidade em ter criado vínculos e espalhado um pouco mais de arte. Termina essa pesquisa por aqui, e que a ARTE SE SOBRESSAIA SEMPRE!!!

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola, 1901. **Dicionário de filosofia** /Nicola Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALVES, Renata; TRIGO, José. **Danças Urbanas na Periferia de São Paulo - A Influência de Programas Sociais e a Representação em Uma Obra Audiovisual**¹, In.40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017

ARCE, Luan Dalmaso. **A importância do breaking e das danças urbanas no ambiente escolar.** / Luan Dalmaso Arce. – Dourados, MS: UFGD, 2017. 20f.

BARRIOS, Jéssica; NUNES, Lucas; SCHWARTZ, Clarissa. **Danças Urbanas: a cultura Hip Hop como expressão de identidade 1**, In. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Cascavel - PR – 31/05 a 02/06/2018

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. A EDUCAÇÃO É A BASE.** 2018. Disponível em: // basenacionalcomum.mg.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao final site. pdf.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, Andreino de O. 1949 – **O planejamento urbano e a “invisibilidade” dos afrodescendentes: discriminação étnico-racial, intervenção estatal e segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Geografia.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** / Antônio Chizzotti. 5ª ed. - São Paulo: Cortez, 2001. - (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola; v.16)

DANTAS, Tiago. **"Funk"; Brasil Escola.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/funk.htm>. Acesso em 11 de fevereiro de 2024.

DEUSDARÁ, Décio; ROCHA Bruno. “Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória”. Revista Alea, vol. 7, n.º 2. P. 305-322, 2005.

EJARA, Frank. **O NOVO TERMO & quot;DANÇAS URBANAS & quot;**. Quinta-feira, 7 de julho de 2011. Disponível em: <http://frankejara.blogspot.com/2011/10/o-novo-termo-dancas> <http://frankejara.blogspot.com/2011/10/o-novo-termo-dancas-urbanas.html>urbanas.html

GASPARINI, Igor. **House dance**, São Paulo Companhia de Dança. 2020. Disponível em: <https://spcd.com.br/verbete/house-dance/>.

GONZALES, Astria Dias ; ABIB, Pedro Rodolpho. **De DJ Marlboro à Anitta: Funk Carioca, Afrodescendência, Inclusão E Ascensão Sócio-Cultural. 2022.**

GUARATO, Rafael. **Os conceitos de “dança de rua” e “danças urbanas” e como eles nos ajudam a entender um pouco mais sobre colonialidade (Parte I)** Revista Arte da Cena, v.6, n.2, ago-dez/2020. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>

GUARATO, Rafael, 1983. **História e dança: um olhar sobre a cultura popular urbana – Uberlândia 1990/2009**/Rafael Guarato. - 2010.226 f. :il.Orientador: Newton Dângelo. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo. Atlas, 1991.

FERNANDO, Klaylton. **História dos Powermoves**, 1 de novembro de 2010. Disponível em <https://www.dancaderua.com/extras/historias/historia-dos-powermoves>

Jopling, David A. *Self-knowledge and the self*. London & New York: 2000. Routledge.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, EVA Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 7. ed. - 8. reimpr São Paulo: Atlas, 2015.

MA, Jessie. **What Is Hip Hop Dance? Learn the History & Moves at Home**, December 16, 2022. Disponível em: <https://www.steezy.co/posts/what-is-hip-hop-dance> .

MATOS, Michelangelo, <https://www.rollingstone.com/music/music-news/frankie-knuckles-godfather-of-house-music-dead-at-59-243506/>. 2014.

OXLEY, Tauana. **DANÇAS URBANAS: possibilidades pedagógicas para o Ensino Médio das Escolas públicas de Pelotas/RS**. 2013. 95f. Trabalho acadêmico (Graduação)— Licenciatura em Dança. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PAULINO, Ádria. **Danças Urbanas: Estratégias de Governação de corpos no currículo escolar**/ Ádria Paulino. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020. -- 106 f.

PAULINO, Adrielle A. **Pensando as Danças Urbanas: Origens negras, trajetória de Octávio Nassur e a Composição coreográfica como articuladores do pensamento em dança.** / Adrielle A. Paulino. -- 2021. 119 f. Orientadora: Luciana Paludo. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Porto Alegre, BR-RS, 2021.20:23

PRICE, Walter. **In His Own Words: KRS One – Definition of Hip Hop, 4. June 2017.** Disponível em: <https://globaltexanchronicles.com/words-krshttps://globaltexanchronicles.com/words-krs-one/one/#:~:text=To%20be%20hip%20is%20to,and%20Hop%20is%20Intelligent%20m.>

PINTO, Amanda da Silva. **Dança como área de conhecimento: dos PCNs à sua implementação no sistema educacional municipal de Manaus.** – Manaus: Travessia/Fapeam, 2015.

SANTOS, Michael Stefferson Silva Dos. **Dança Breaking: Contexto, estilos e procedimentos em ensino e Aprendizagem** / Michael Stefferson Silva Dos Santos. – Natal,2023. 107 f.: il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Curso de Licenciatura em Dança. Orientador: Prof. Dr. Marcos Bragato.

SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Laboratório Hip-Hop: Arte, Educação, Batalha - Cia Eclipse e Convidadas (os) e suas anDANÇAS** / Autora: Ana Cristina Ribeiro Silva - B.girl Cris ; Coordenação editorial, preparação e revisão: Demetrios dos Santos Ferreira; Produção editorial e diagramação: Toni C.Capa: Toni C. com colaboração de Fhero; Ilustração graffiti interno: Maicon Fidelis ; Apoio administrativo: Luciana Karla Pereira Macedo - Campinas: Cia Eclipse - LiteraRUA, 2021.

SILVA, André Marcos de Paula e, **História e cultura afro-brasileira.** / André Marcos de Paula e Silva; atualizações Adriano Sachweh. – Curitiba: Expoente, 2008.

SOUSA, Vitor de, **Qual o significado de “Dia” em tempo de globalização? A relação controversa entre Império, lusofonia e “portugalidade”.** Universidade do Minho/Universidade de Aveiro. Programa Doutoral em Estudos Culturais, 2014.

THIOLLENT, Michel, 1947 – **Metodologia da pesquisa-ação** / Michel Thiollent. - 18.Ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

VALENTE, Osmar Junio Ayres. **Dança House e a Compreensão do Movimento Jacking,** Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo (ESAT) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito final para obtenção de Título de Licenciatura em Dança. 2023.

Webster's Dicionário Inglês-Português e Webster's Portuguese-English Dictionary

Copyright 1983, 1985 de Antônio Houaiss e Ismael Cardim Glossário de Termos de Informática
Copyright © 1996 Editora Quark do Brasil Ltda. e Empresa Folha da Manhã.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PLANO DE ENSINO

PLANO DE ENSINO – 2023

IDENTIFICAÇÃO: Alexia Silva de Oliveira		
TURMA: ENSINO MÉDIO	ANO-SEMESTRE: 2023/02	
TURNOS: VESPERTINO	Nº de AULAS: 7	
COMPONENTE CURRICULAR: ARTES		
CH TOTAL: 5h00m	TEÓRICA: 2h	PRÁTICA: 3h00mn
PESQUISADORA: ALEXIA SILVA DE OLIVEIRA		

1. EMENTA
Cultura hip Hop e danças Afrodiáspóricas estadunidenses – Práticas pedagógicas da dança – Diversidade cultural – Autoconhecimento – Valorização Cultural/Social.

2. OBJETIVOS
<p>Geral: Experienciar práticas pedagógicas e o ensino-aprendizagem das danças afrodiáspóricas dentro das escolas através das reflexões e práticas expressivas dos alunos de ensino médio.</p> <p>Específicos: Conhecer a cultura Hip Hop e discutir a discriminação racial e social com a comunidade escolar e incluir as danças afrodiáspóricas como práticas pedagógicas</p> <p>Exercer autonomia na prática das danças afrodiáspóricas como caminho de pesquisa corporal através dos conteúdos e da prática do movimento Hip Hop;</p> <p>Desenvolver autonomia criativa, aprimorando os processos de ensino-aprendizagem do movimento Hip Hop, expandindo o saber histórico cultural das danças afrodiáspóricas. .</p>

3. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO/ CRONOGRAMA		
AULAS	CONTEÚDO	HORAS
1°	Historicidade das danças afrodiáspóricas dentro da cultura Hip Hop. Movimento Hip Hop como ensino-aprendizagem.	50 Min.
2°	Questionário acerca dos conteúdos abordados e roda de conversa para entender sobre o que é a pesquisa e o porquê da pesquisa.	50 Min.
3°	Introdução ao processo metodológico de percepção corporal com base no movimento <i>Smurf</i> do Hip Hop dance, específico dessa linguagem diaspórica.	50 Min.
4°	Estímulo de criação individual e em grupo, com trabalho do movimento <i>Jacking</i> , específico do House Dance.	50 Min.
5°	Experimentar as habilidades dos adolescentes com processos metafóricos na prática do movimento <i>basic step</i> , específico do Breaking.	50 Min.
6°	Estudos dos movimentos corpóreos do Waacking. Processo de autonomia e improvisação.	50 Min.
7°	Roda de conversas e aplicação do questionário sobre a experiência pessoal com as vivências das danças afrodiáspóricas no ambiente escolar.	50 Min.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
<p>Aula 1 – Componente Curricular de Artes.</p> <p>A aula dar-se-á em espaço disponibilizado pela instituição a qual será direcionada a coleta de dados. Mediante a entrega da TCLE assinados pelos pais dos participantes, os</p>

participantes estarão no local designado à pesquisa, que é na própria sala de aula. Iniciarei com uma roda de conversa, onde explicarei a temática do trabalho proposto e os detalhes dos procedimentos as quais eles estão sendo instruídos, irei expor pelo projetor um vídeo de 5 minutos que fala sobre a história do Hip Hop, como surgiu e porque tem esse nome, além de mostrar os elementos principais da cultura Hip Hop, em sequência irei fazer perguntas acerca do vídeo e irei explicar verbalmente o que é danças afrodiáspóricas. Após essa conversa, deixarei livre para questionamentos dos alunos e aplicarei o questionário para levarem para casa e na aula seguinte dar continuidade com as perguntas do próprio questionário a exposição verbal e prática das danças afrodiáspóricas.

Aula 2– Componente Curricular de Artes.

Estando no local designado a pesquisa, recolherei o questionário da pesquisa e perguntarei como foi o processo de escrita, além de explanar mais sobre a aula anterior e o que ficou memorizado. Farei uma roda de conversa explicando com mais detalhes o tema do trabalho de pesquisa e os termos danças afrodiáspóricas, e o porquê é importante abordar isso na escola. No final deixarei aberta para questionamentos e agradeço.

Aula 3 – Componente Curricular de Artes.

Dar-se-á, perante a organização do local designado a coleta de dados, continuidade aos direcionamentos da pesquisa. Iniciando com uma conversa, faço perguntas acerca da aula anterior para que haja, a conexão entre os conteúdos e busca pela memorizando, e reflexão dos assuntos abordados. Exponho no projetor uma imagem ilustrativa do desenho *Smurf* e faço perguntas sobre como os alunos imaginam que seja o movimento. Daremos início à prática, conforme a dinâmica da preparação corporal, verbalizando a sequência de exercícios com o movimentos do Hip Hop dance chamado *Smurf*, um dos principais passos característico das *old school* (velha escola do Hip Hop). Incluo alguns processos metafóricos, pois o Smurf é baseado no personagem do filme de desenho “The Smurfs”, além de ter se expandido com figuras negras importantes da década de 80 e 90, faço a união da dança e o seu fazer cotidiano, estimulando novos caminhos fazendo com que se sintam à vontade na permanência dessa dinâmica. Realizando experimentações corporais individuais, fazendo conduções ilustrativas de como esses corpos se movimentam, na sua forma expansiva e criativa, deixando livre pois cada corpo tem seu próprio ritmo (bounce) que são movimentos contínuos de “balanço” que move repetidamente de acordo com a batida da música. Finalizando o processo, faremos um conversa ao final, pedindo para descreverem suas experiências aos conteúdos expostos.

Aula 4 – Componente Curricular de Artes.

No espaço direcionado a pesquisa. Farei uma roda de conversa inicial, sobre a aula anterior e apresento o Professor Osmar Junio que irá fazer os referidos direcionamentos da aula fazendo uma contextualização sobre o movimento Jacking, o principal elemento do House dance, após essa conversa, coloco uma música para os alunos se adaptarem as batidas rítmicas, a estrutura da aula prática começa com aquecimento sendo verbalizando e a sequência de exercícios e movimentos corporais que são de características do House Dance. Será feito alguns processos metafóricos fazendo a relação com a dança, incluindo conceitos da dinâmica do movimento, para que eles se sintam ainda mais à vontade. Propondo que eles façam os movimentos conforme seu corpo queira se mexer e adicionando processos metodológicos como a exploração do espaço, planos e eixos, individualmente, em duplas e grupos, para que nesse momento eles observem como os seus colegas estão se movendo, com o intuito de interagirem entre si. Após a prática, finalizando com roda de conversa na perspectiva dos sujeitos, se tem questionamentos sobre a aula e como foi a experiência com o professor.

Aula 5 - Componente Curricular de Artes.

Organizar-se-á o espaço ao qual será direcionada a pesquisa. Prossigo com os alunos em conversa inicial, em seguida explico como é o breaking, seus elementos principais, e o que vamos trabalhar se chama *Top Rock*, com os participantes dispostos em círculo farei um aquecimento para energizar o corpo e tomar conhecimento do movimento *basic step*, esse movimento no breaking é a abertura que os bboys/bgirls fazem durante sua performance, depois de demonstrar o basic step, cada um vai entrar no círculo e fazer o movimento e improvisar a partir das suas vivências. Em seguida, em duplas, cada um vai iniciar uma ‘batalha’, fazendo movimentos que lembram o basic step e depois terminar fazendo o passo principal. Deixarei eles livres por 3 minutos para pensarem e usarem da criatividade. Ao final, irei perguntar como foi a experiência de cada um com esse tipo de movimentação e o que significou fazer os processos de improvisação, encerro a aula e agradeço pela participação.

Aula 6– Componente Curricular de Artes.

Ao local ao qual foi designado para aula. Em seguida, apresento o coreógrafo Fabricio

Rafael, ele fará uma breve descrição sobre suas vivências dentro da cultura Hip Hop, além de explicar o que é o Waacking, qual o seu objetivo, como surgiu, para que ele serve e como se popularizou no mundo. Iniciando com um breve aquecimento já dando ênfase a linguagem do Waacking, e em seguida trabalhando somente com uma movimentação da dança Waacking que se chama TWIRL, que na tradução é GIRAR, esse movimento pode ser executado de inúmeras maneiras, com as técnicas de base estrutural que é atrás e frente, vamos explorar várias direções, começos e fins, de trás pra frente, somente na lateral, pensando na autonomia dos alunos e nas possibilidades das vivências corporais dos mesmos. Ao final, farei uma roda de conversa, perguntando como foi a experiência e como cada um se sentiu, encerro e agradeço mais uma vez pela participação dos alunos e do coreógrafo.

Aula 7– Componente Curricular de Artes.

Ao local da pesquisa, farei uma roda de conversa e aplicarei um questionário final sobre como foi a experiência de cada aula, em suas seguintes vertentes, deixo aberto para que digam no papel suas ideias, além de deixar livre para demonstrarem suas satisfações ou insatisfações sobre as aulas. Coletarei o questionário e agradeço por colaborarem com a pesquisa.

5. MATERIAIS

- Espaço físico
- Caixa de Som
- Celular/gravador do celular
- Caneta esferográfica
- Papel ofício
- Notebook
- Projetor
- Pincel de Lousa
- Lousa

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- COLOMBERO, R. M. M. P. Danças urbanas: uma história a ser. Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar – FEUSP, jul. de 2011. Disponível em: http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_09.pdf
- OLIVEIRA, Marilda O. (Org). Arte, Educação e Cultura. Editora UFSM, 2007.
- PILETTI, Claudino. Didática Geral. Universidade Católica de Campinas (SP), Editora ática, 2004.
- RIBEIRO, Ana Cristina. Dança de Rua / Ana Cristina Ribeiro, Ricardo Cardoso.—campinas – SP : Editora Átomo – 2011
- SILVA, Ana Cristina Ribeiro. Laboratório Hip-Hop: Arte, Educação, Batalha – Cia Eclipse e Convidadas(os) e Suas AnDanças / Autora: Ana Cristina Ribeiro Silva – B. Girl Cris; Coordenação editorial, preparação e revisão: Demetrios dos Santos Ferreira; Produção editorial e diagramação: Toni C.; Capa: Toni C. com colaboração Fhero; ilustração graffite interno: Maicon Fidelico; Apoio administrativo: Luciana Karla Pereira Macedo – Campinas: Cia Eclipse – LiteraRua, 2021.
- TADRA, Débora S. Linguagem da Dança. Editora IBPEX, Curitiba, 2009.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO INICIAL

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
LICENCIATURA EM DANÇA**

Questionário Inicial de pesquisa de campo.

1. O que é a Arte pra você?

2. Você Conhecia a cultura Hip Hop?

3. Você sabe o que são danças afrodiaspóricas?

4. Essas danças têm espaço na escola? Porque você acha que ela tem (ou não) esse espaço?

5. Você acha importante aprender sobre essa cultura na Escola? Por quê?

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO FINAL**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS****ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO****LICENCIATURA EM DANÇA****QUESTIONÁRIO FINAL****1. Como foi sua experiência com as danças afrodiáspóricas?****Explique!**

2. O que o elemento “conhecimento” do Hip Hop ficou de aprendizado para você?**Explique!**

3. Você acha que a Cultura Hip Hop é valorizada? Explique!

4. Deixe sua contribuição sobre as aulas.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar deste estudo intitulado, **“Movimento Hip Hop e discriminação: danças afrodiáspóricas como potencializadoras da valorização dessa cultura no ambiente escolar”** porque tem o perfil e preenche os critérios para, na condição de sujeito, possa participar desta pesquisa. Esclarecemos que o sujeito da pesquisa é a expressão dada a todo ser humano que, de livre e espontânea vontade e após ser devidamente esclarecido, concorda em participar de investigações científicas fornecendo informações.

Os sujeitos serão entrevistados e informados através de contatos pessoais pela própria pesquisadora das datas e horários, assim como dos locais com comodidade e segurança e de comum acordo com o entrevistado para a coleta das informações.

O (a) Sr. (a) será submetido (a) a uma entrevista com o objetivo de fornecer informações para o melhor entendimento do assunto em questão, e terá toda autonomia para participar ou não na pesquisa, também, terá liberdade integral para se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. Tanto sua pessoa quanto os dados fornecidos serão mantidos sob absoluta confidencialidade e, portanto, ninguém mais terá conhecimento sobre sua participação.

Vale esclarecer que esta pesquisa não apresenta risco de qualquer natureza para a qualidade de vida dos sujeitos investigados. Informamos também que sua decisão de participar do estudo não está de maneira alguma associada a qualquer tipo de recompensa financeira ou em outra espécie.

Esclarecemos que o(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste documento e de outros que se fizerem necessários para que as informações estejam sempre à mão, outrossim deixo aqui meu endereço e meus contatos para que a qualquer momento que necessitem de orientação ou informação sobre o preenchimento deste.

Pesquisadora: Alexia Silva de Oliveira

Endereço: Rua Emílio Moreira, 140, casa 50

E-mail: asdo.dan19@uea.edu.br

Telefone: (92) 994511159

Para quaisquer informações, fica disponibilizado também o endereço da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, na Av. Leonardo Malcher nº 1728,

Praça 14 de janeiro, Cep 69010-170, Manaus-AM, que funciona de 2ª a 6ª Feira, das 14h às 21hs.

CONSENTIMENTO

Eu, _____, li, tomei conhecimento, entendi os aspectos da pesquisa e, voluntariamente, concordo em participar do estudo, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, fornecendo as informações disponibilizadas na entrevista sem que nada haja de ser reclamado a título de direitos a minha imagem e som de minha voz. Estou ciente de que não haverá remuneração, e que posso sair a qualquer momento que achar pertinente. Este documento é emitido em duas vias que são ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Alexia Silva de Oliveira

Assinatura do Pesquisador Responsável

Data: ___/___/___



Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar